

REVISTA DO PROGRAMA INSTITUCIONAL
DE BOLSA DE INICIAÇÃO ARTÍSTICA
PIBIART

EXPEDIENTE

BIA – Revista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Artística
Dezembro de 2023

Reitor

Marcus Vinicius David

Edição

Izaura Rocha

Projeto gráfico e diagramação

Nathália Duque

Vice-reitora

Girleene Alves da Silva

Redação

Ismael Crispim

Fotografias

Divulgação

Pró-reitora de Cultura

Valéria de Faria Cristofaro

Katia Dias

Alice Oliveira

Camila Santos

Secretários

Darlan Lula

Bruno Defilippo Horta

Giovana Erthal

Maria Fernanda Braga

Nathália Fontes

Stephanie Chioate

Planejamento

Cadjia Costa

Izaura Rocha

BIA – Revista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Artística

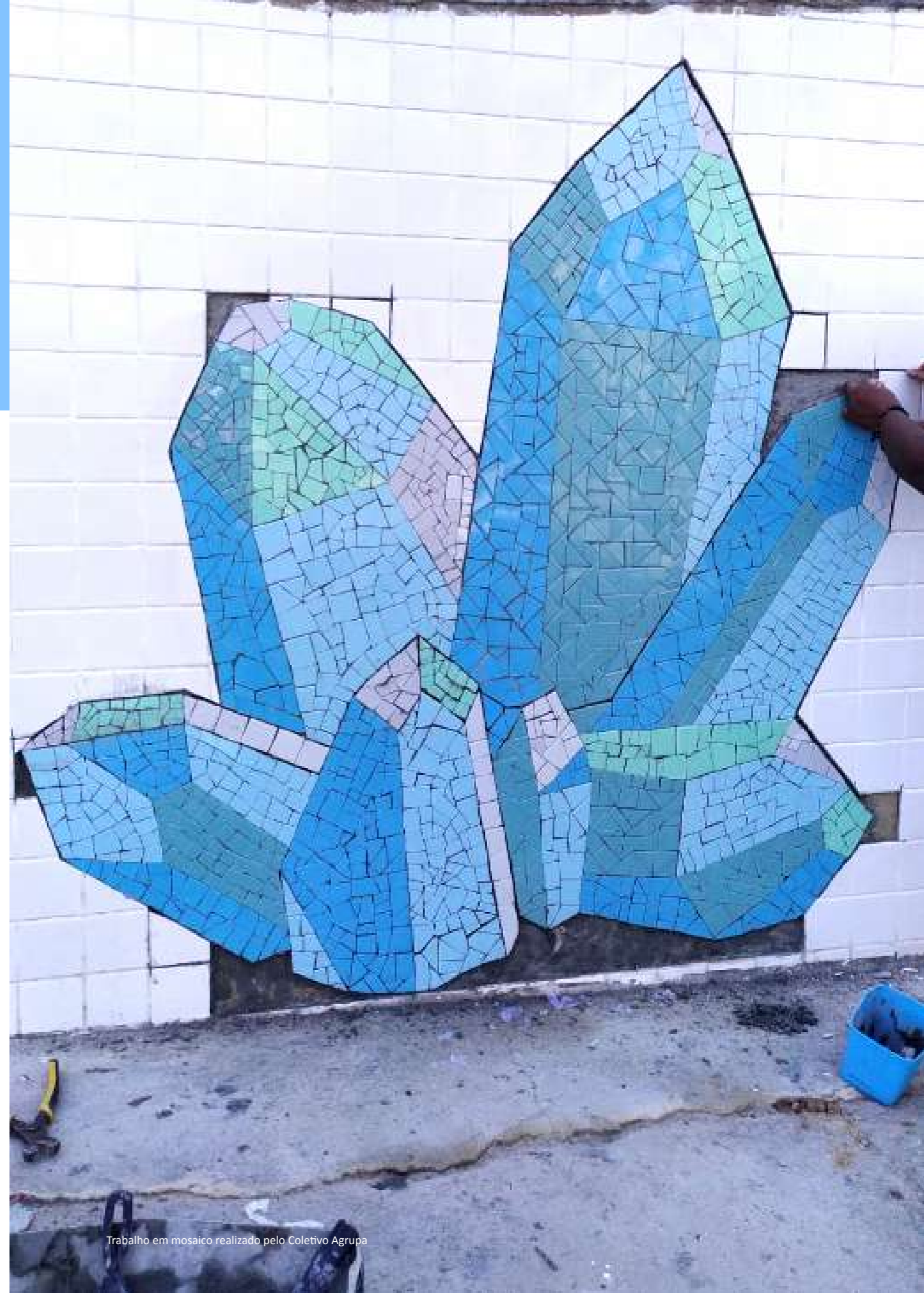
Publicação da Pró-reitoria de Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora

Rua José Lourenço Kelmer s/n – Campus Universitário

Bairro São Pedro – CEP 36.036-900 – Juiz de Fora, Minas Gerais

Telefones: (32) 2102-3964 e (32) 2102-3965

Sugestões e contato: cultura.ufjf@gmail.com



Trabalho em mosaico realizado pelo Coletivo Agrupa

SUMÁRIO

8

CINEMA E AUDIOVISUAL

- 8 As aplicações da animação nas múltiplas linguagens cinematográficas
- 10 O imaterial e a diversidade de culturas no cinema
- 11 Reflexões sobre o cinema do gênero ‘teen’
- 13 Animação: semiótica para desvendar os estereótipos
- 16 Conversas sobre cinema e Brasil
- 16 “Da ruína ao jardim” sensibiliza narrativas e propõe discussões antimodernas e decoloniais
- 17 Produções audiovisuais como formas de inclusão e representatividade
- 19 Cinema em constante movimentação

20

ARTES VISUAIS

- 20 Arte, resistência e diversidade
- 20 Agrupa promove expressão criativa através de mosaicos
- 21 Warhol e a versatilidade da serigrafia
- 22 Arte e sensibilidade: o fazer artístico
- 24 Cores exatas e o ressignificar da paisagem

31

FOTOGRAFIA

- 31 Fotografia muito além da banalização

33

MODA

- 33 A moda e a memória da cidade
- 35 O processo criativo na elaboração de mangas

27

LIVROS

- 27 Reflexões sobre impactos na produção editorial
- 28 Estêvão Silva, talento, rebeldia e inconformismo
- 30 Biblioteca MAMM promove a preservação da memória literária juiz-forana

36

INCLUSÃO PELA ARTE

- 36 Arte e autismo: inclusão, redes de apoio e espaços de potência
- 38 Cartografia inclusiva no ambiente acadêmico
- 39 Arqueologia tátil leva arte e cultura a pessoas cegas
- 41 MAMM de portas abertas e mais inclusivo

43

MEMÓRIA SOCIAL

- 43 Preservando a história e a cultura de Guarará
- 44 Metástase Colonial: uma busca pela recuperação da memória
- 46 Valorizando a zona rural
- 48 A morte como fator gerador de cultura
- 49 Cinema e memória da Zona da Mata

50

INVESTIGAÇÕES ARTÍSTICAS

- 50 Arte, reflexão e autoanálise por meio do tarô
- 51 Muralismo: arquitetura e arte
- 53 Fantasia, melancolia e subjetividade feminina

55

PATRIMÔNIO

- 55 Um jeito divertido de refletir sobre patrimônio
- 56 Cine-Theatro Central: a vitória da arte
- 58 Cultura e educação para divulgar e preservar a história republicana
- 60 Patrimônios Negros: uma reflexão sobre educação e invisibilidade
- 62 Arte popular e a democratização da cultura
- 63 Cine-Theatro Central: a vitória da arte

64

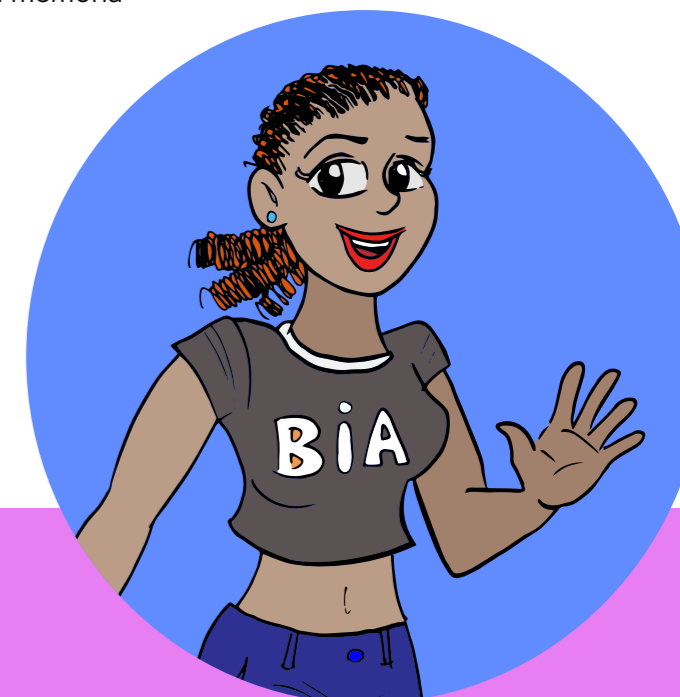
MÚSICA

- 64 Gambioluteria, a democratização de instrumentos sonoros
- 65 COMUS: gerações na música de câmara popular
- 66 Estímulos musicais
- 66 Aprendizado musical amplo
- 67 Difusão da cultura por meio da música
- 67 Destaques no cenário musical da cidade
- 68 Cultura do samba para todos

69

PRODUÇÃO CULTURAL

- 69 Ampliando espaços de leitura no Campus UFJF-GV
- 70 Na linha de frente da cultura
- 71 Central, um palco de experiências





Editorial

Reencontro com o presencial



Bolsista com instrumento musical desenvolvido no Pibiart

A quarta edição do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Artística (Pibiart) marcou a plena retomada de suas atividades presenciais, principalmente no que se refere à realização das oficinas obrigatórias previstas na modalidade Projeto Artístico-Cultural e às ações que constituem a essência da modalidade Mediação Artística. Na edição anterior, o programa ainda aconteceu em formato híbrido, com boa parte das atividades em caráter remoto.

Realizada no período de setembro de 2022 a agosto de 2023, a última edição já transcorreu sob a normalidade da vida pré-pandemia, graças às reduções dos riscos relacionados à Covid-19. Com isso, podemos celebrar a edição pelo reencontro do Pibiart com o público acadêmico e externo em diversos aspectos, contato essencial para que os objetivos do programa sejam plenamente realizados.

Nesta BIA, apresentamos os resultados da quarta edição, cujo edital principal ofereceu 66 vagas para bolsistas de graduação dos mais diferentes cursos, distribuídas entre as modalidades Projeto Artístico-Cultural (27); Mediação Artística em Artes (10); Mediação Artística em Música (10); Grupo Artístico (19).

A esses números devem ser somadas as 23 bolsas reunidas sob a categoria Mediação Artística Procult, criada nesta edição para selecionar projetos educativo-culturais a serem desenvolvidos nos aparelhos de cultura vinculados à Procult, “visando oferecer apoio às atividades administrativas nas etapas de produção na área artístico-cultural e proporcionar capacitação dos graduandos para atuação nesse campo.”

Essa foi a solução encontrada para enfrentar o encerramento do Programa de Bolsas de Treinamento Profissional em Gestão na UFJF, em circunstância de penúria orçamentária enfrentada pelas instituições federais de ensino superior. A situação poderia impactar sensivelmente os equipamentos culturais da Procult, visto que a atuação dos bolsistas é fundamental para os projetos e ações desenvolvidos pelos espaços. Com edital próprio, a modalidade selecionou bolsistas para órgãos como o Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), o Fórum da Cultura e o Centro de Conservação da Memória (Cecom).

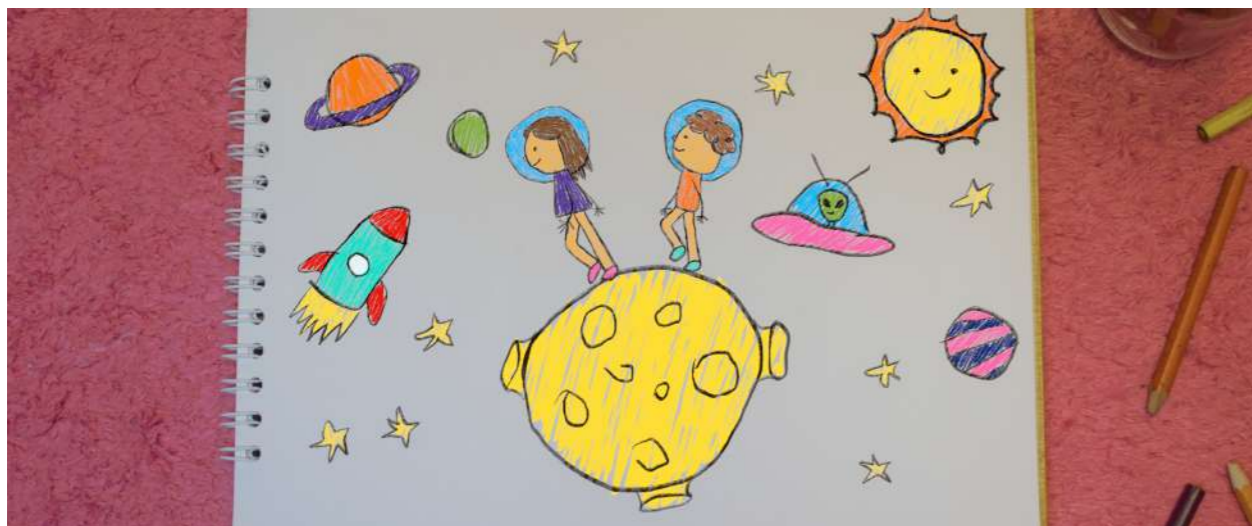
Confira nas próximas páginas os trabalhos desenvolvidos nesta edição do Pibiart!

BOA LEITURA!



Peças de acervo do Museu da Moda Social (MMOS)

AS APLICAÇÕES DA ANIMAÇÃO NAS MÚLTIPLAS LINGUAGENS CINEMATOGRAFICAS



Projeto possibilitou à bolsista experimentar as etapas de criação de uma animação, da pesquisa de referências, produção de roteiro e concepção das artes até a finalização

Por meio de pesquisas e experimentações, a estudante do Bacharelado em Cinema e Audiovisual Giovana Padovani Rosa, idealizadora do projeto *A intertextualidade da animação dentro das produções audiovisuais*, buscou levantar discussões e ensinar ao público sobre como a animação pode ser inserida em diversos meios e gêneros audiovisuais.

O projeto foi desenvolvido paralelamente ao seu trabalho de conclusão de curso, o que contribuiu para que a estudante adquirisse bastante conhecimento ao longo do processo. Ela conta que pôde realizar todas as etapas de criação de uma animação, como pesquisa de referências, criação de roteiro, concepção das artes, geração de alternativas e finalização. “Passar esse conhecimento para os participantes das oficinas foi ainda mais importante, pois pude compartilhar as minhas experiências e também obter vários depoimentos que ajudaram a criar debates sobre a produção de animação no país”, relata.

Giovana conta que o projeto teve início a partir de uma pesquisa teórica e de uma busca por referências audiovisuais, vindo de uma necessidade pessoal de investigar como as animações poderiam ser inseridas em produções audiovisuais em *live-action*, uma vez que a estudante produziu um curta-metragem com essas animações. “Tive muita ajuda do meu orientador, Sérgio Puccini, com essas referências. Logo depois, fizemos uma curadoria para saber o que seria mais interessante passar nas oficinas. Foi assim que a gente decidiu tratar diversos gêneros audiovisuais e como a animação é inserida nesses gêneros. Paralelamente,



As animações realizadas para o curta “Fora da Caixa” (acima) se tornaram estudo de caso para as oficinas

eu também estava produzindo as animações do meu curta, então fomos desenvolvendo um *storyboard*, um roteiro, fazendo os testes das animações com as ilustrações e realizando as mudanças que eram necessárias”, explica.

Na sequência, foram delimitadas as animações para o curta, que também se tornou um estudo de caso para as oficinas. Além disso, a estudante decidiu realizar algumas videoaulas utilizando essas animações como parte prática dos encontros. “Eu peguei algumas animações que eram mais simples, mais fáceis e por meio das quais eu conseguiria mostrar bem como as animações poderiam ser inseridas nos filmes. Então eu fiz essas videoaulas e disponibilizei no YouTube, bem como os materiais no Google Drive para que os participantes pudessem fazer essas animações também em casa”, relata.

As oficinas começavam por uma parte mais teórica, introduzindo todas as questões dos gêneros, e em

seguida eram exibidos alguns filmes, dentre os quais Giovana destaca *O Congresso Futurista* e o documentário sobre o músico norte-americano Kurt Cobain, *Montage of Heck*. Assim, foi possível a promoção de debates acerca de como as animações podem ser inseridas de maneiras diferentes nas produções audiovisuais.

No último dia de oficina, a estudante apresentou o estudo de caso de seu curta-metragem *Fora da Caixa*, além de todos os passos que foram dados ao longo do último ano para que as animações ficassem prontas e, por fim, mostrou alguns trechos de exemplo. Ela conclui destacando que “as videoaulas ficaram como material extra, mas as oficinas também geraram vários debates importantes para pensar que as animações não são somente feitas para filmes desse gênero, mas também podem ser inseridas em outros contextos e ajudam a aumentar a linguagem cinematográfica no geral”.

Ismael Crispim

A INTERTEXTUALIDADE DA ANIMAÇÃO DENTRO DAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Giovana Padovani Rosa *Bacharelado em Cinema e Audiovisual*

Orientador Professor Sérgio Puccini

O IMATERIAL E A DIVERSIDADE DE CULTURAS NO CINEMA

A fim de levar obras cinematográficas e conhecimento sobre o audiovisual para a comunidade acadêmica e externa, a bolsista Mel Graco Duarte realizou um cineclube, com debates sobre as temáticas abordadas nos filmes exibidos, além de ter sistematizado saberes que se aplicam ao campo do cinema e do audiovisual. As ações foram pautadas por uma intensa pesquisa filmográfica e bibliográfica. A estudante do curso de Cinema e Audiovisual procurou apresentar filmes que abordassem, em suas palavras, “o imaterial”, como obras representativas da pluralidade de culturas, identidades e religiões. Para isso, Mel exibiu longas-metragens de países como Senegal, Índia, Japão, Dinamarca e França. No total, a bolsista promoveu a exibição de 27 filmes.

A METAFÍSICA NO CINEMA

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Mel Graco Fonseca Duarte *Cinema e Audiovisual*
Orientador Luiz Carlos Gonçalves de Oliveira Junior



As exibições eram seguidas de debates sobre os temas abordados

CINECLUBE
A METAFÍSICA NO CINEMA

MEDIAÇÃO E CURADORIA
MEL GRACO
RAFAEL RODRIGUES

PRIMEIRA SESSÃO
04 DE ABRIL DE 2023

LOCAL
SALA DE CINEMA GERMANO
ALVES, IAO - UFJF

INSTAGRAM
@CINEMETAFISICA

DATA
TERÇAS-FEIRAS 14H

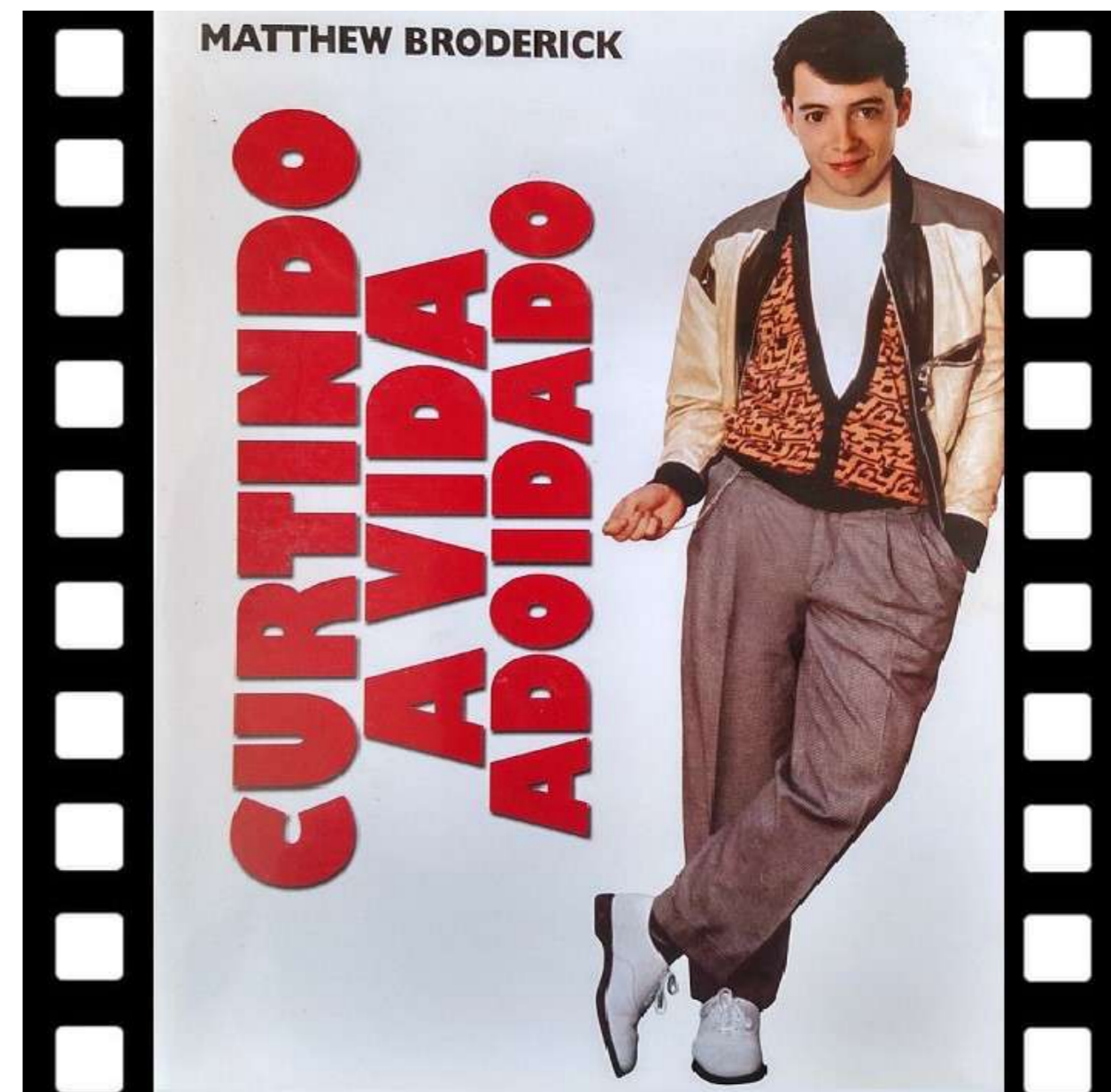
INSCRIÇÕES ATÉ 02 DE ABRIL

REALIZAÇÃO **ufjf** **UFJF** **UFJF** **UFJF** **UFJF** **UFJF**

EMISSION DE CERTIFICADO PARA OS PARTICIPANTES COM, NO MÍNIMO, 75% DE PRESENÇA

O cineclube apresentou 27 produções de diversas cinematografias

REFLEXÕES SOBRE O CINEMA DO GÊNERO ‘TEEN’



Um clássico dos filmes teen, “Curtindo a vida adoidado”, de John Hughes, foge à superficialidade do gênero

A certeza de que a superficialidade dos filmes *teen* é só aparente traz luz especial ao projeto da bolsista Ágatha de Lima Bueno, que explorou o universo adolescente no cinema, levantando questões como um possível conflito acerca da sensibilidade dos adultos por trás de longas-metragens do gênero. Sua reflexão era a de que os profissionais envolvidos, mesmo tendo vivenciado a puberdade, não necessariamente compreendiam os interesses e os problemas das novas gerações.

O foco no antológico *Curtindo a vida adoidado*, de John Hughes, acabou por revelar um roteiro distante dos estereótipos sobre a juventude, reiterando Hughes como o maior representante desse gênero: “a partir desse cineasta vemos os avanços e os retrocessos das narrativas de amadurecimento, e o jeito sério e responsável de lidar com essas histórias fez com que o diretor se destacasse e se tornasse modelo sobre o que de melhor existe no cinema *teen*”.

Ao identificar a forte presença da censura por conta do que descreve como “pânico moral”, Ágatha também se aprofundou na forma como a indústria cultural estadunidense vem funcionando. Ela analisa o fenômeno das greves atuais, a má remuneração dos agentes de entretenimento, a integridade dos atores adolescentes e infantis na antiga Hollywood, citando, inclusive, a subvalorização da inteligência do público, que recebe roteiros repetidos em diferentes embalagens, mas sempre com a mesma essência frágil e equivocada.

“Percebi que nada na indústria cinematográfica é novo, tudo tem precedentes quanto a franquias, repetições, com a visão do jovem como um mercado consumidor fácil e lucrativo por conta de suas inseguranças que são aproveitadas nas diversas produções midiáticas. O poder da Marvel ou da Disney está intimamente ligado à juvenilização das películas, sendo que pesquisas de público demonstram que para um filme alcançar o máximo de pessoas deve procurar agradar a alguém com 19 anos”, observa.

CRISE DA FAMÍLIA

Ágatha ressalta ainda que sua pesquisa demonstra que o cinema adolescente ajuda a observar diferentes trajetórias nas produções das últimas décadas: “a figura extrovertida do jovem desde a geração perdida das *flappers*, passando pela crise de 1929, pelo escapismo necessário da Segunda Guerra Mundial para, depois, com a televisão dominando a esfera doméstica e dos responsáveis legais, se formular definitivamente na década de 1950. Foi daí para os anos de conflitos internacionais, rápidos avanços tecnológicos [...]”.

Ao analisar os problemas observados nos filmes estudados, a bolsista notou o protagonismo da crise da família, da propriedade privada e do Estado em filmes adolescentes. Isso foi possível observar nas grandes

produções românticas de Hughes e em obras mais recentes como *Coda (No Ritmo do Coração, 2021)*, da diretora americana Sian Heder, ou *Moonlight (2016)*, do cineasta Barry Jenkins, lembrando que, a partir daí, os longas apontam com acidez certos aspectos da sociedade com seus personagens vivendo em famílias disfuncionais ou encontradas pelo caminho.

Ao assistir ao documentário *Don't you forget about me*, de 2009, sobre a obra de John Hughes, Ágatha pôde observar a maneira como o jovem se conecta com os filmes do cineasta, em face de uma melhor representação do que é ser jovem na vida real, diferente das celebridades glamourizadas que interpretam personagens mais novas. Com essa base, a bolsista desenvolveu uma série de perguntas direcionadas aos jovens, na tentativa de instigar novas reflexões.

“Esse método se mostrou impactante a partir de outras provocações direcionadas ao jovem comum brasileiro que não vê *Cidade de Deus (2002)* pelo prisma de um filme adolescente e como essas películas que envolvem corpos negros mais novos geralmente acabam em violência e não são pastiche como as histórias da classe média branca dos filmes baseados, por exemplo, na obra de Thalita Rebouças e outras cariocas bem-sucedidas com narrativas quase utópicas”, relata a estudante.

Ágatha destaca que o impacto que objetivou com as reflexões passa pelo empoderamento do adolescente que pode parecer facilmente manipulável, mas percebe essa alienação ao parar para compreender a força de sua própria história em contraposição a representações prontas, que desnudam a juventude de forma caricata. “O impacto social dessa percepção reside nessa nova atenção ao papel do jovem na sociedade e no universo dos filmes que procuram desvirtuá-lo ou tratá-lo como cidadão de segunda classe”, conclui.

Katia Dias

CURTINDO A VIDA ADOIDADO - A PUBERDADE NA TELA POR JOHN HUGHES

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Ágatha de Lima Bueno *Bacharelado em Artes Visuais*

Orientadora Professora Alessandra Souza Melett Brum

ANIMAÇÃO: SEMIÓTICA PARA DESVENDAR OS ESTEREÓTIPOS



Os participantes da oficina foram provocados a explorar as conexões entre arte, história, política, cultura e outras disciplinas

O projeto *Semiótica para personagens de animação: um recorte de animação por geração*, buscou trazer as representações de personagens negros nas animações americanas da década de 1920, estabelecendo comparações com personagens contemporâneos para fazer uma reflexão sobre os estereótipos na criação da Concept Art. Ele foi desenvolvido pelo bolsista Milton João de Souza Neto na modalidade Projeto Artístico-Cultural do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Artística (Pibart), com orientação da professora Annelise Nani da Fonseca.

A ideia para o tema surgiu de um questionamento que Milton tinha acerca da criação de personagens com muitos estereótipos na Concept Art, uma forma de pré-

produção na indústria do entretenimento, e da falta de sensibilidade nessa produção das animações. Estudante do 9º período de Licenciatura em Artes Visuais, com um Bacharelado Interdisciplinar, Milton explorou as nuances de protagonismo e humor nas representações dos personagens de ascendência negra, investigando como esses elementos evoluíram ao longo do tempo.

Para realizar a oficina prevista na execução do projeto, ele recorreu a diferentes pesquisas que aprendeu durante a graduação, como a teoria semiótica de Charles Peirce (1975), que estuda a produção de significados através do processo de semiose, que se dá pela dinâmica entre os componentes de um signo. Essa teoria foi abordada em paralelo ao atual e relevante



Projeto estudou as representações de personagens negros

tema da negritude, o qual englobou questões cruciais de racismo estrutural e humorístico, com os livros *Racismo Recreativo*, de Adilson Moreira (2019), e *Racismo Estrutural*, de Silvio Almeida (2019).

Esses livros estão presentes na compilação literária *Feminismos Plurais*, mas também foram usadas outras fontes pertinentes à interseção entre negritude e educação artística. A partir dos conceitos de racismo, Milton ilumina os aspectos de protagonismo e humor presentes nas representações dos personagens, estabelecendo conexões perspicazes entre as narrativas históricas e contemporâneas.

Toda a pesquisa bibliográfica foi elaborada a partir dos personagens da Marvel, como o rei de Wakanda, T'challa, denominado Pantera Negra, e uma das líderes dos X-Men, Ororo Monrue, conhecida como Tempestade. Através da *Semiótica Peirceana* (1975), foi possível fazer uma analogia entre os símbolos e signos presentes na construção dos personagens, uma etapa de produção chamada de Concept Art, com os livros sobre o tema da negritude. Também foi escolhido um personagem da Turma da Mônica, Jeremias. Para

essa análise, foi abordado brevemente sobre a teoria do código hegemônico, de Ana Mae, para explicar a construção do personagem Jeremias, única pessoa preta da Turma da Mônica até 2018, quando houve o lançamento da Milena.

OFICINA

Para a realização da oficina, o bolsista utilizou a Metodologia Triangular, desenvolvida pela educadora Ana Mae Barbosa (1998), que é uma abordagem pedagógica inovadora no ensino das artes visuais, visando enriquecer a experiência educacional dos estudantes ao proporcionar uma compreensão mais profunda e abrangente da arte. Essa metodologia enfatiza a integração de três pilares fundamentais: a apreciação, a contextualização e a produção artística.

O primeiro pilar envolve a leitura da obra de arte, por isso os alunos observaram, analisaram e interpretaram, a partir dos slides, os personagens negros de diversas animações e períodos, como os da Marvel e os da Turma da Mônica. Nesse viés, a experiência fez com que os estudantes desenvolvessem habilidades críticas ao examinar elementos como forma, cor, composição e conteúdo, além de entender o contexto histórico, social e cultural em que as obras foram criadas.

Já na contextualização, os alunos compreendem a arte como um reflexo da sociedade e das questões que a permeiam, o que tem relação com a escolha de abordar o conceito de racismo recreativo e estrutural. Na oficina, eles foram incentivados a explorar as conexões entre arte, história, política, cultura e outras disciplinas, o que ajuda a ampliar a compreensão da arte como uma expressão multifacetada e significativa. Nesse ponto da oficina, foram abordadas as ligações entre o personagem T'challa (Pantera Negra) e a Tempestade de X-Men, contando suas histórias, origens, acontecimento principal para o desenvolvimento da obra, clímax, representação e representatividade, desenvolvimento e comparações.

Por fim, na produção artística os inscritos foram inspirados a criarem suas próprias obras de arte, aplicando as habilidades e conhecimentos adquiridos nas fases de apreciação e contextualização. Assim, foram encorajados a experimentar diferentes materiais, técnicas e abordagens criativas, ao mesmo tempo em que incorporam conhecimentos históricos e sociais em seus projetos, que as explicações dos conceitos ajudaram a compreender. Nesse sentido, eles criaram personagens animados ao final da oficina, o que traz uma dimensão maior de inspiração e pesquisa para o Concept Art.

Desse modo, a metodologia escolhida pelo bolsista foi além de mostrar uma arte mais profunda e ampla, ao permitir que os alunos expressassem sua criatividade, pensando também no desenvolvimento de competências críticas, analíticas e interpretativas, que podem ser aplicadas em várias áreas da vida. Para a criadora da abordagem, Ana Mae, a arte/educação não deve ser limitada à prática técnica, mas se basear em uma compreensão abrangente da arte como uma forma de comunicação, expressão cultural e reflexão sobre o mundo.

COMPREENSÃO CRÍTICA

Como resultados, o bolsista ampliou o conhecimento sobre os estereótipos que foram aplicados nesses personagens, como os cargos subservientes, a marginalização, a hipersexualização, a vilanização e a falta de protagonismo entre as décadas de 1970 a 2000. A incorporação da semiótica peirceana à discussão sobre negritude trouxe uma nova dimensão de análise para os estudantes e pesquisadores, oferecendo ferramentas para entender as construções sociais e discursos racistas presentes na cultura. Na oficina, isso se refletiu na elaboração de trabalhos acadêmicos mais profundos, engajados e interdisciplinares, além de proporcionar debates enriquecedores, através de uma

compreensão mais crítica e sensível das representações raciais na cultura visual, em especial os quadrinhos.

O bolsista relata que se sentiu realizado com a oficina, principalmente com o trabalho final de criação de personagens pelos próprios alunos. “Estou conseguindo fazer algo que poucas pessoas ainda fazem dentro do movimento negro que é fazer esse destrinchamento sobre aquilo que as nossas crianças consomem nos desenhos e filmes”, declara. Sobre a questão geracional, ele explica como foi impactante ter uma infância e adolescência no início dos anos 2000, quando não se tinha uma preocupação acerca dos estereótipos, não percebendo os signos e símbolos e seus significados. Como exemplo, cita o desenho “Tom e Jerry”, que tinha uma empregada doméstica, apresentada sem características que a individualizassem, por ser uma personagem demarcada pelo corpo e pela tonalidade da pele, visto que não mostra seu rosto nos episódios. Quando seu rosto aparece, é com cunho humorístico, o que pode ser associado com o conceito de racismo recreativo.

Milton afirma que está muito feliz por sua pesquisa estar ficando conhecida, pois foi convidado para realizar palestras e oficinas, por exemplo na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. “É preciso levar esse conhecimento mais para frente, principalmente para os artistas na criação da arte conceitual, que envolve desenvolvimento de jogos, animações, personagens”, ressalta. Ele informa que pretende continuar a pesquisa, atualmente no Trabalho de Conclusão do Curso, acrescentando a parte prática que realizou com a oficina. Ele também pensa em prosseguir com a investigação do assunto no mestrado e, futuramente, no doutorado, sempre tendo em vista como o tema vai se atualizando com o tempo.

Nathália Fontes

SEMIÓTICA PARA PERSONAGENS DE ANIMAÇÃO - UM RECORTE DE ANIMAÇÃO POR GERAÇÃO

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Milton João de Souza Neto *Licenciatura em Artes Visuais*

Orientadora Professora Annelise Nani da Fonseca

CINECLUBE PROPORCIONA CONVERSAS SOBRE CINEMA E BRASIL

O cineclube, orientado por Luiz Carlos Gonçalves de Oliveira Junior e conduzido pelo bolsista Wiliam Marques Concolato, estimulou debates que não se limitaram à produção cinematográfica do país. Os participantes aprofundaram seus conhecimentos acerca da linguagem do audiovisual, ao mesmo tempo em que discutiam temáticas intrínsecas à sociedade brasileira no projeto Cinema Brasileiro Revisitado: reflexões acerca do audiovisual. As sessões exploravam as noções técnicas de cada espectador e o instigava a debater o conteúdo dos filmes para além de uma análise puramente teórica. O projeto se tornou um espaço em comum entre estudantes universitários e participantes da comunidade externa à UFJF, incentivando o diálogo e a troca de vivências.

CINEMA BRASILEIRO REVISITADO: REFLEXÕES ACERCA DO AUDIOVISUAL NACIONAL

Modalidade Projeto Artístico-Cultural

Bolsista Wiliam Marques Concolato *Bacharelado em Cinema e Audiovisual*

Orientador Professor Luiz Carlos Gonçalves de Oliveira Junior



A relação humana com os animais e a natureza foi um dos temas em "Da ruína ao jardim"

“DA RUÍNA AO JARDIM” SENSIBILIZA NARRATIVAS E PROPÕE DISCUSSÕES ANTIMODERNAS E DECOLONIAIS

Explorando o cinema como fomentador de debates emergentes do contemporâneo, o projeto *Da ruína ao jardim: a mise-en-scène e a prática estética do Antropoceno*, do bolsista João Gabriel Cendretti Rodrigues, desenvolveu sua pesquisa artística a partir da mediação dos embates do Antropoceno pelo cinema. Partindo do princípio de que o cinema desperta conceitos capazes de discussão além do debate filosófico, o projeto tinha o objetivo de compreender as dinâmicas coletivas que emergem na paisagem global. Foram realizados dois cineclubes e uma oficina, atendendo, segundo o bolsista, a “uma demanda de formação prática com evidente impacto na comunidade acadêmica e exterior à universidade”. Entre os temas abordados, os estudos ambientais promoveram o levantamento de questões sobre as relações humanas com os animais e a natureza. O projeto ainda produziu artigos acerca dos temas discutidos, além de análises fílmicas dos cineclubes e fichamento dos livros que constituíram o referencial teórico.

DA RUÍNA AO JARDIM: A MISE-EN-SCÈNE E A PRÁTICA ESTÉTICA DO ANTROPOCENO

Modalidade Projeto Artístico-Cultural

Bolsista João Gabriel Cendretti Rodrigues *Bacharelado em Cinema e Audiovisual*

Orientador Professor Luiz Carlos Gonçalves de Oliveira Junior

Coorientadora Professora Alessandra Souza Melett Brum

PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS COMO FORMAS DE INCLUSÃO E REPRESENTATIVIDADE



Exibição de produção participante da segunda mostra

O projeto *Lab Mov - Laboratório de Audiovisualidades Experimentais*, desenvolvido pela bolsista John Carlos de Oliveira Rodrigues, é uma iniciativa de incentivo à produção audiovisual experimental, que não se preocupa de forma rígida com as exigências técnicas, aplicadas geralmente à cinematografia em todas as suas etapas. Pelo contrário, busca priorizar uma pesquisa em arte que tenha o foco no “precário” e descentralize as formas de produção artística. Ou seja, tem o objetivo de pensar o potencial da mídia de vídeo e do sistema audiovisual por meio de recursos que sejam acessíveis, como é o caso de softwares gratuitos, equipamentos cotidianos, câmeras de celulares webcams, e a utilização de recursos diversos que sejam capazes de gerar imagens, como a inteligência artificial e o GIF.

“Particpei primeiramente na edição de 2020-2021 [do Pibiart], na qual convivi com um processo de criação filtrado pelos limites da pandemia da Covid-19, um mundo virtual, possibilitado pelo vídeo e eu à frente de

um laboratório, falando sobre vídeo. Foi preciso existir e criar através das ferramentas que nos foram dadas, fazendo arte e impulsionando a arte nas pessoas”, descreve John.

Nesta edição, a pesquisa tomou um novo direcionamento, passando a priorizar a participação de pessoas trans da UFJF e da comunidade externa. “Em 2022-2023, me encontro em transição, vejo o mundo por novos olhos, meu corpo sente o mundo de outra forma e o mundo me vê de outra forma, minhas demandas emocionais, psicológicas, físicas e afetivas mudaram. Onde eu me encontro e em quem me conforto? Ser trans e viver o mundo. Transicionei o laboratório em busca de encontrar onde mentes criativas dissidentes de gênero se encontram, o que elas criam e o que podemos criar juntas. Se tornou minha demanda, criar imagens audiovisuais e transmidiáticas através de um olhar transdiverso”, destaca a estudante.



Bolsista John Rodrigues cola panfleto de divulgação da oficina

Na primeira edição do projeto, foi realizada uma mostra de vídeos com a participação de artistas do laboratório. Nesta nova edição, foi produzida a segunda mostra dos vídeos, com a presença dos artistas participantes da primeira edição do laboratório. Foram efetuadas duas lives do Lab Mov, com dois artistas convidados, que também participaram da primeira edição. As lives, disponíveis no Instagram, promoveram um diálogo aberto sobre os temas pesquisados por cada artista e, conseqüentemente, abordados em suas produções.

Foi desenvolvido ainda, no Instituto de Artes e Design (IAD), um cineclubes com produções realizadas por/sobre pessoas trans. Após o cineclubes, houve uma oficina com oito encontros, sendo quatro obrigatórios e quatro intermediários, com o objetivo de auxiliar os participantes em suas produções. “A realização de um cineclubes e rodas de conversa nas redes sociais proporcionam um espaço de diálogo e intercâmbio de ideias. Isso conecta o projeto não apenas com a comunidade acadêmica, mas também com um público mais amplo interessado em arte e questões sociais”, relata John.

INCLUSÃO

De acordo com a bolsista, o projeto inspirou os alunos a experimentarem formas alternativas de expressão,

estimulando assim a criatividade e a exploração artística e ainda impulsionando inovações dentro da comunidade acadêmica. Além disso, promoveu a criação de uma cultura e de identidades, pois, ao dar ênfase na criação de arte transcenderada, houve o foco na formação de uma cultura artística, diversa e inclusiva, criando assim um espaço para a expressão autêntica das identidades trans, fortalecendo a autoestima e o senso de pertencimento dessa comunidade e indo contra a discriminação e a marginalização desse grupo social.

“Enquanto produtora e idealizadora do projeto, sou exposta a novas abordagens e técnicas no campo das audiovisualidades experimentais. Isso estimula o pensamento criativo e encoraja a exploração de formas de expressão não convencionais. Ao experimentar com diferentes materiais, estilos e conceitos, ampliei minhas habilidades artísticas e desenvolvi uma voz autêntica como artista. Além disso, a realização do projeto aprofundou a compreensão sobre as experiências de pessoas trans e marginalizadas”, destaca a estudante. Além disso, John continua dizendo que o projeto ajudou a criar uma mentalidade mais inclusiva e sensível, promovendo uma percepção mais aguçada sobre como a transfobia é impactante dentro da academia e o quão escassa é a participação das vozes trans nesses espaços.

O Lab Mov é de extrema importância para o acolhimento da comunidade trans em atividades promovidas, principalmente, dentro da universidade, criando um ambiente inclusivo, acolhedor e representativo, sendo capaz de propagar a importância de iniciativas como essa. Logo, o projeto não se limita apenas a um experimento de vídeo, mas que envolve também processos pessoais, artísticos, institucionais e sócio-políticos.

Alice Oliveira

LAB MOV - LABORATÓRIO DE AUDIOVISUALIDADES EXPERIMENTAIS

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** John Carlos de Oliveira Rodrigues *Bacharel Interdisciplinar em Artes e Design*

Orientadora Professora Letícia de Alencar Bertagna

CINEMA EM CONSTANTE MOVIMENTAÇÃO



O cineclubes promoveu exibições e debates no MAMM

Em 1928, o Chaplin Club surgiu no bairro da Glória, no Rio de Janeiro, como o primeiro cineclubes do Brasil. Na rua Benjamin Constant, número 36, quatro amigos se reuniam para discutir produções cinematográficas. Um quase centenário depois e em outro estado, o cineclubismo vislumbrou ambiente fértil na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Ser um espaço democrático e educativo é a essência do Cineclubes Movimento, projeto da modalidade Grupo Artístico do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Artística (Pibart). Ministradas pelo bolsista Leonardo Nunes Heringer, as sessões de filmes independentes se tornaram locais de socialização e de desenvolvimento do senso crítico.

O projeto também é ofertado como uma disciplina extracurricular aos alunos do Instituto de Artes e Design, sendo procurado especialmente pelas pessoas que desejam diversificar o currículo. Para além das exibições, o aprendizado se mostrou na produção de materiais gráficos para divulgação, expandindo as competências dos integrantes.

Os bolsistas e voluntários exercitam a prática curatorial com um enfoque em obras à margem do circuito comercial. “O contato com a mediação artística e a mediação de saberes dentro das teorias cinematográficas são experiências formadoras imprescindíveis à formação acadêmica e possibilitadas a partir de iniciativas, como essa de iniciação artística, paralelas ao conteúdo curricular”, destaca Leonardo.

O Cineclubes realizou sessões e debates de 15 em 15 dias, aos sábados, fora do Campus da UFJF. Durante a vigência do edital, foram organizadas oito sessões no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), que se localiza na rua Benjamin Constant, no centro de Juiz de Fora. Ao ocupar um espaço central do município, o projeto agregou novos públicos. A última mostra foi idealizada com as temáticas “Poéticas do acesso” e “A potência do falso e a política das performances dos corpos”. Além de uma programação frequente, o Cineclubes Movimento integrou o cronograma da 21ª Semana Nacional de Museus com a exibição do filme *A última floresta*, de Luiz Bolognesi.

O cineclubismo se tornou parte de Juiz de Fora, cidade que também foi pioneira na realização documental de cinema com as produções de João Carriço. O movimento que envolve e fomenta o cinema nacional se originou na Constant carioca e se fortaleceu, este ano, em quase uma dezena de sessões na Constant mineira.

Giovana Erthal

CINECLUBE MOVIMENTO

Modalidade Grupo Artístico . **Bolsista** Leonardo Nunes Heringer *Bacharelado em Cinema e Audiovisual*

Orientadora Professora Alessandra Souza Melett Brum

ARTE, RESISTÊNCIA E DIVERSIDADE

Com o propósito de implementar processos afro-poéticos de resistência baseados em metodologia decolonial para a formação de artistas e arte-educadores, o Coletivo Descolônia busca, por meio do protagonismo estudantil, propor ações que promovem o acolhimento de estudantes negros e negras, visando a diversidade no Instituto de Arte e Design (IAD) da UFJF.

Além de apoiar na organização do evento CONFAEB (Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil), o Coletivo também realizou a preparação da *Primavera dos Museus* e promoveu pesquisas, onde obteve sua base referencial a partir de artistas afrodescendentes e suas produções. A edição de uma enciclopédia, que servirá como referência inicial nas análises e produções voltadas à arte afro-brasileira, está em desenvolvimento e futuramente estará disponível ao público, de modo físico, no Laboratório Interdisciplinar de Linguagens, localizado no IAD da UFJF.

A bolsista Maria Eduarda Pereira relata que a participação no projeto lhe proporcionou a oportunidade de realizar curadorias e se engajar em projetos de forma coletiva, além de expandir seus conhecimentos sobre as produções afro-brasileiras, uma vez que possuía pouca ou nenhuma referência a respeito delas.

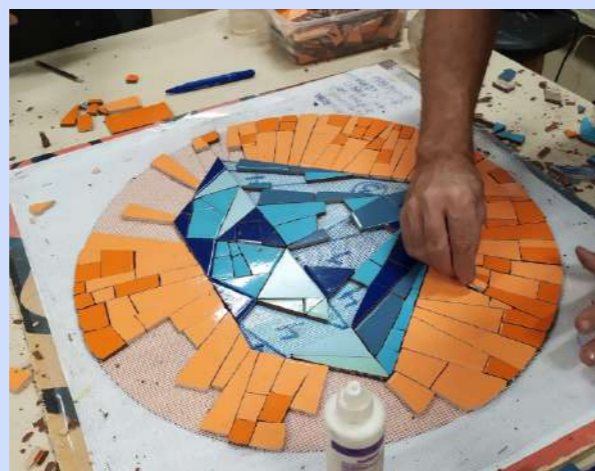
COLETIVO DESCOLÔNIA

Modalidade Grupo Artístico . **Bolsistas** Maria Eduarda Oliveira Pereira *Bacharelado em Moda*, Maiara Pereira da Silveira *Licenciatura em Artes Visuais*

Orientadora Professora Vanessa Raquel Lambert de Souza



Projeto busca promover o acolhimento de estudantes por meio de um olhar sensível à diversidade



O coletivo oferece experiências sobre técnicas de muralismo

AGRUPA PROMOVE EXPRESSÃO CRIATIVA ATRAVÉS DE MOSAICOS

Visando fomentar a rede de pesquisa e desenvolvimento de proposições artísticas por alunos da Universidade Federal de Juiz de Fora, o Coletivo Agrupa se tornou um espaço de trocas de experiências sobre técnicas de muralismo. O projeto permitiu que os interessados em mosaico pudessem contribuir na formulação de propostas até a execução dos trabalhos práticos. O aprendizado advindo do exercício é um atrativo principalmente para os estudantes do Instituto de Artes e Design que não contam com vivências similares nas disciplinas da grade curricular. O Coletivo prioriza a intervenção artística em espaços públicos de livre acesso para que haja interação entre UFJF e comunidade. O Agrupa, no último ano, trabalhou tanto na Rampa de Mosaicos no Campus, quanto no Jardim Botânico. Além de receberem especialização para seus currículos, os integrantes são estimulados a ampliar suas visões artísticas.

COLETIVO AGRUPA

Modalidade Grupo Artístico . **Bolsistas** Gabryella Ribeiro Queiroz *Licenciatura em Artes Visuais*, Igor De Toledo Amaral *Licenciatura em Artes Visuais*

Orientador Professor Ricardo de Cristofaro

WARHOL E A VERSATILIDADE DA SERIGRAFIA

Inspirada na biografia de Andy Warhol, a bolsista Richele Silva investigou obras icônicas do artista com a técnica da serigrafia. Assim, a estudante de Design produziu um artigo acadêmico e uma oficina teórico-prática sobre a aplicação da serigrafia nas produções de Andy Warhol. O projeto promoveu a troca de conhecimento com a comunidade, não apenas com o objetivo de educar sobre o tema, mas também de inspirar indivíduos a questionar a natureza da arte e suas motivações subjacentes. Segundo a bolsista, a versatilidade da técnica de serigrafia a torna aplicável em diversos meios de impressão, permitindo que essa pesquisa abraçasse a interdisciplinaridade ao se conectar com os cursos de Artes, Design e Moda do Instituto de Artes e Design (IAD-UFJF) de maneira enriquecedora.

A SERIGRAFIA NO PROCESSO ARTÍSTICO DE ANDY WARHOL

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Richele Pereira da Silva *Bacharelado em Design*

Orientador Professor Luís Cláudio Costa Fajardo



A bolsista (ao centro) e participantes da oficina oferecida pelo projeto



Produções de Andy Warhol na técnica de serigrafia também foram tema de artigo acadêmico realizado durante a pesquisa

ARTE E SENSIBILIDADE: O FAZER ARTÍSTICO

De que maneira é possível estabelecer a relação entre o artista e sua arte? Essa questão tornou-se pertinente no projeto *Ilustrando: Ilustração por meio de materiais artesanais*, desenvolvido pelo bolsista Matheus Coutinho, estudante de Licenciatura em Artes Visuais, no qual a principal intenção foi estabelecer um diálogo entre a confecção de materiais artísticos e o fazer artístico propriamente dito.

Por meio desse recorte, o projeto construiu ilustrações e representações pictóricas (por meio de pinturas), com o objetivo de verificar a relação entre o material e a arte do artista. Além disso, buscou analisar como as conexões desses dois elementos eram entendidas por artistas do passado e de que maneira são compreendidas hoje em dia.

Considerando esse entendimento, torna-se possível construir uma percepção sensível acerca dos materiais utilizados para a confecção de arte, pois se compreende o papel de cada um no desenvolvimento de uma obra. Com o conhecimento adquirido nesses estudos, foram realizadas duas oficinas, ministradas pelo bolsista, que ocorreram no Instituto de Artes e Design (IAD) da UFJF.

PESQUISA

O primeiro material a ser aprendido, estudado e confeccionado, para posteriormente ser usado e ensinado nas oficinas, foi a *têmpera a ovo*, ou seja, uma espécie de tinta de pintura onde os pigmentos ou corantes são misturados a uma emulsão de água e gemas de ovo ou a ovos inteiros. Esse material foi escolhido devido a sua praticidade, uma vez que é possível encontrá-lo com maior facilidade e pelo fato de possuir rápida secagem.

Após o domínio do primeiro material, o foco do estudo passou a ser a *têmpera a cola*, confeccionada por meio da emulsão de cola na água. Além disso, também foi realizada uma pesquisa a respeito de quais pigmentos poderiam ser usados, buscando inúmeras fontes mais sustentáveis e/ou viáveis de se aplicar nas oficinas. O bolsista pôde ampliar a pesquisa de pigmentos em terra (por meio da colaboração com o projeto de extensão “Ampliando os Horizontes”) e, por fim, optando por eles, juntamente com corantes líquidos e pó xadrez.

Com o domínio de ambos os materiais e após a realização de testes e ilustrações, que visavam melhor entender a aplicabilidade dos materiais e suas especificidades, como opacidade e transparência, tornou-se possível realizar as oficinas, abertas aos alunos da universidade e à comunidade externa.

Através de uma volta ao passado, Matheus apresentou a história e o contexto das *têmperas*, desde sua origem até a explicação do termo e a chegada delas na contemporaneidade. Posteriormente, foram apresentados aos alunos alguns artistas e obras que utilizam ou utilizaram a *têmpera* e as técnicas de utilização desta. Assim, foi se desenvolvendo o olhar apreciador sobre a obra de arte e construindo uma nutrição estética (termo elaborado pela professora Mirian Celeste que retrata um



Artes e *têmperas* produzidas por alunos de oficina

marco no ensino de arte, voltado para a utilização das linguagens artísticas em experiências estéticas).

Por fim, foi mostrado o modo de preparo das tintas, através de demonstrações detalhadas de cada etapa processual na confecção. Ao final das oficinas, os estudantes foram instruídos a confeccionarem as suas próprias tintas com o auxílio do ministrante.

REPERTÓRIO

Matheus Coutinho relata que, por meio do projeto, passou a ter um maior entendimento acerca da confecção de tintas, materiais artesanais e aglutinantes e pigmentos, ampliando seu repertório teórico-prático. Além disso, ao transmitir esses conhecimentos nas oficinas, durante uma das etapas da metodologia escolhida, o bolsista conseguiu levar esse conhecimento à comunidade presente, ampliando a acessibilidade desse ensinamento. Ele relata ainda que houve uma ótima adesão do público, uma vez que os resultados dos alunos foram excelentes, atingindo um grau elevado de técnica e apreciação estética.

“Pude compreender melhor os procedimentos na realização de uma obra de arte, que perpassam a sensação estética. Através do projeto, consegui aprimorar minha capacidade operativa, tanto de compreender imagens, quanto no fazer”, relata o aluno. “Além de melhorar meu repertório iconográfico, foi possível construir uma nutrição estética extremamente proveitosa para minha formação como discente. Além do desenvolvimento artístico, houve também um desenvolvimento sócio-cultural, agregando atribuições teóricas e históricas, tanto da arte, quanto fora dela, a fim de aumentar minha consciência e pertencimento sobre a minha realidade enquanto arte-educador hoje”, destaca o estudante.

ILUSTRANDO: ILUSTRAÇÃO POR MEIO DE MATERIAIS ARTESANAIS

Modalidade Mediação Artística em Artes . **Bolsista** Matheus Rodrigues Coutinho *Licenciatura em Artes Visuais*

Orientador Professor Renato Melo Amorim



Matheus Coutinho manipula mistura pronta de *têmpera a ovo* pigmentada com pó xadrez vermelho

O projeto demonstrou que a arte pode estar em qualquer lugar, a qualquer hora e pode ser produzida através de elementos acessíveis e encontrados no dia a dia. Ou seja, a relação que os estudantes poderão construir com o espaço que os circundam pode ser transformada. Além disso, proporcionou uma experiência sensível, onde o aluno pôde criar laços íntimos com a arte para além da obra em si. Através da experiência estética da feitura do material, o estudante conseguiu alcançar uma relação muito mais sensível com seu trabalho.

“Portanto, por intermédio do projeto, consegui uma percepção sobre o fazer artístico muito mais ampla que meramente conceber a obra final como arte puramente por sua beleza estética. Por fim, ainda desenvolvi minhas capacidades comunicativas, por meio da arte e de seu entendimento. Pois o processo de descoberta e conhecimento da arte levará, inevitavelmente, ao processo de descobrimento e entendimento de si próprio, seja como artista, seja como pessoa, seja como aluno, seja como profissional”, finaliza Matheus.

Alice Oliveira

CORES EXATAS E O RESSIGNIFICAR DA PAISAGEM



Desenho é transferido para a parede com auxílio de um projetor

Visando estudar os impactos sociais positivos gerados pela ressignificação da paisagem universitária através da arte, a estudante do Bacharelado em Artes Visuais da UFJF Sofia Ribeiro de Assis produziu uma pintura mural no laboratório de nitrogênio líquido do Instituto de Ciências Exatas.

De acordo com Sofia, o projeto, intitulado *Impactos sociais da ressignificação da paisagem através da pintura mural*, alcançou amplamente o público que frequenta diariamente o espaço onde a intervenção foi realizada, além das pessoas que acompanharam o perfil da proposta no Instagram (@ressignificando_espacos), uma vez que os vídeos nos quais ela apresenta as etapas da produção chegaram a alcançar 19 mil visualizações.

A estudante afirma que “a paisagem é um objeto de constante modificação, seja através de fenômenos naturais, como a chuva, o vento, o desabrochar de uma flor, ou através de ações humanas, como as manifestações artísticas de grafiteiros e muralistas”, ressalta a bolsista. Citando Sandro Paixão, a aluna argumenta que essas manifestações artísticas são capazes de converter os espaços dedicados ao vazio em espaços de lazer, de descanso, de política e de contemplação. “Ao se apropriar dos muros e do espaço urbano como suporte, o graffiti aparece como uma proposta de romper com os ambientes comumente destinados à exposição da arte, como os museus e as galerias. Entendemos que, exatamente por se portar em lugares públicos, a pintura mural acaba se tornando um dos tipos de arte mais acessíveis e democráticos”, acrescenta.

Logo, para Sofia, essa democratização da arte é um instrumento que impede ou dificulta que o saber fique restrito a poucos. É essa acessibilidade à cultura que seu projeto buscou trazer para o ambiente da UFJF, na intenção de provocar a contemplação da arte para além do Instituto de Artes e Design.

ELEMENTOS FAMILIARES

A primeira etapa do projeto foi a realização de uma pesquisa de campo para escolher o lugar que receberia a intervenção. Com o local definido, um passo primordial foi a elaboração de um esboço do desenho que seria transferido para a parede. “Para isso, busquei trazer elementos que seriam familiares para as pessoas que mais utilizam aquele local, além de trazer um pouco da comunidade acadêmica através dos livros representados na imagem”, explica.



Resultado da pintura mural em laboratório do ICE

Em seguida, foi feita a preparação da parede, utilizando espátula, lixa e água sanitária para limpeza do local. Na sequência, foi aplicada uma camada de branco para um melhor realce das cores. Após esse preparo da parede, teve início o processo de transferência do esboço para a superfície. “Para realizar essa transferência e garantir que o desenho estaria na proporção correta, utilizei um projetor disponibilizado pelo Instituto de Ciências Exatas. Como a parede é muito alta, contei com o auxílio de um andaime, também disponibilizado pela universidade. Com o desenho transferido, pude, enfim, começar o processo de pintura”, descreve.

IMPACTO

A pintura mural nos arredores do ICE provoca reflexões em quem passa pelo local. Estudante do curso de Matemática da UFJF, Elisabeth Bracher conta sua experiência ao contemplar a intervenção artística: “O ICE, por abrigar ciências exatas, não tem elementos estéticos visuais em sua composição. É muito forte a

ideia de que uma coisa não se mistura com a outra: a arte e a matemática, o que é errado. E reforçando essa ideia na cabeça dos jovens, nossos espaços se tornam cada vez mais sem graça, assim como, de fato, já são”.

Ela acredita que essa ideia impacta as pessoas em outro nível: a ausência do belo e a constante presença do “sem graça” e “sem vida” trazem um peso psicológico e emocional para os alunos. “Some-se a isso o peso das matérias e da cobrança exigida sobre os estudantes de exatas, que muitas vezes são tratados com pouca humanidade pelos professores. Então, eu acredito que a presença de obras de arte nas proximidades do ICE (e, quem sabe um dia, dentro do ICE...) torna o ambiente mais agradável e ajuda na manutenção da saúde mental, mesmo que as pessoas não entendam isso de início”, destaca.

Outra estudante que se sentiu impactada pela pintura mural foi Nívia Paiva, aluna do curso de Licenciatura em Língua Espanhola e suas respectivas literaturas. “Minha primeira percepção quando vi a pintura foi aquela sensação de ‘Que legal!’. Mas depois eu fiquei



A bolsista em ação: democratização da arte



Participantes da oficina realizam pintura mural

pensando em como a arte alegra os espaços. As paletas do Instituto de Ciências Exatas são muito neutras, o que faz com que seja um ambiente repetitivo e sem graça”, observa. Para ela, seria bem interessante que houvesse mais investimento em intervenções artísticas pelo campus. “Acredito que a presença da arte nos espaços modifica perspectivas, o que é muito bom, porque realmente alegra o ambiente, chama a atenção, brilha mais aos olhos”, propõe.

A bolsista Sofia Assis conta que disponibilizou um formulário on-line para coletar informações a respeito dos impactos que a pintura trouxe para a comunidade acadêmica e para as pessoas que frequentam o local. Esse formulário obteve mais de 40 respostas, enviadas de forma anônima.

OFICINA

O projeto contou ainda com uma oficina, na qual foi realizada uma pequena pintura mural em conjunto pelos participantes, em frente à pintura realizada pela bolsista. A atividade, que inicialmente disponibilizava dez vagas para participantes, teve uma procura maior do que o estimado, o que levou à expansão para 15

vagas. O público-alvo eram os alunos do ICE, mas também participaram estudantes de Comunicação, do Instituto de Ciências Humanas e de Artes e Design. Os participantes foram orientados durante todo o processo de construção de uma pintura mural, desde a transferência do esboço até a finalização da pintura. Dentre os materiais, foram utilizados sprays, tinta acrílica de parede, pincéis, rolos e giz.

Sofia acredita que o projeto trouxe respostas muito positivas, tanto da comunidade acadêmica quanto das pessoas que utilizam o espaço com frequência. Ela destaca, ainda, que participar do Pibiart foi uma rica oportunidade para sua trajetória acadêmica e profissional. “Pude observar de maneira mais controlada os impactos da pintura mural, tanto durante o processo quanto após o resultado. A interação que consegui estabelecer com a comunidade durante o desenvolvimento do projeto impulsionou muito a minha pesquisa, à qual pretendo dar continuidade no trabalho de conclusão de curso”, relata a bolsista. “Além disso, obtive uma experiência importante com a docência através da oficina ministrada. Foi muito gratificante e um prazer ter tido a oportunidade de colocar esse projeto em prática junto com a minha orientadora Priscilla de Paula”, conclui.

Ismael Crispim



Intervenções artísticas levam cor e alegria aos espaços

IMPACTOS SOCIAIS DA RESSIGNIFICAÇÃO DA PAISAGEM ATRAVÉS DA PINTURA MURAL

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Sofia Ribeiro de Assis *Bacharelado em Artes Visuais*

Orientadora Professora Priscilla de Paula

REFLEXÕES SOBRE IMPACTOS NA PRODUÇÃO EDITORIAL

O projeto *O livro e suas vicissitudes: os desdobramentos da publicação gráfica e sua circulação* expõe as mudanças que cercam o ato de fazer e de comercializar livros. A pesquisa desenvolvida por Maria Júlia Ourique Xavier, com orientação de Letícia de Alencar Bertagna, desvenda os laços econômicos, sociais e políticos que impactam a publicação editorial na atualidade.

A bolsista realizou mapeamentos de acervo e de editoras nacionais para identificar a evolução do modo de consumo e de produção do livro. A consulta foi também baseada em contatos com profissionais da área, ampliando o conhecimento de estudo para uma investigação prática. A participante ainda detalhou sua trajetória em um site (mariajuliaourique.wixsite.com/pibiart2023), que funcionou como diário de pesquisa, a fim de democratizar o acesso às complexidades existentes no mercado editorial.

O eixo teórico foi guiado, principalmente, por três autores: Jan Tschichold, Ulisses Carrión e Júlio Plaza. Tschichold, objetivando o que chama de livro legível, escreveu um conjunto de ensaios sobre como abordar a diagramação o mais racionalmente possível. Carrión, por sua vez, se preocupou em expandir o universo do livro. Para ele, o livro é toda a sua materialidade, diagramação, experimentação e, conseqüentemente, a sua expressão. Por fim, Maria Júlia estudou o trabalho de categorização de Plaza, que pensou as publicações brasileiras e internacionais dentro de segmentos como livro-objeto, objeto-livro, livro-poema, entre outros.

Além disso, *O livro e suas vicissitudes* contou com uma oficina sobre editoração, encadernação e impressão



Projeto estudou a evolução dos modos de produção e consumo do livro

alternativa. Os inscritos finalizaram três produções gráficas e discutiram os diferentes formatos do objeto. As experimentações se basearam em noções tanto do design quanto da literatura que a bolsista desenvolveu durante cursos de formação. A presença em eventos de pesquisa artística consolidou o detalhado trabalho de Maria Júlia, que acumulou saberes em espaços distintos e retornou ao Instituto de Artes e Design (IAD) para compartilhá-los com os interessados. “Foi uma pesquisa bem cartográfica de tentar entender essas vicissitudes que essas publicações editoriais estão tendo. O eixo prático, isto é, o trabalho artesanal e as experimentações serviram para refletir os limites do livro”, relata.

A ação educativa indicou o interesse dos estudantes do IAD pelo processo editorial, já que a oficina abriu 12 vagas e registrou 30 inscritos. A procura reforça a importância que o livro ainda carrega na sociedade, e o projeto permitiu um aprofundamento nessa relação entre pessoa e objeto. Ao percorrer teoria e prática, a bolsista conseguiu traduzir conhecimentos específicos do universo editorial para a comunidade.

Giovana Erthal

O LIVRO E SUAS VICISSITUDES: OS DESDOBRAMENTOS DA PUBLICAÇÃO GRÁFICA E SUA CIRCULAÇÃO

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Maria Júlia Ourique Xavier *Bacharelado em Artes Visuais*

Orientadora Professora Letícia de Alencar Bertagna

ESTÊVÃO SILVA: TALENTO, REBELDIA E INCONFORMISMO



Livreto resgata e divulga a história do pintor negro Estêvão Silva

Primeiro pintor negro a ingressar na Academia Imperial de Belas Artes, no Rio de Janeiro, em 1864, Estêvão Silva ficou mais famoso por ter recusado um prêmio da Exposição Geral de Belas Artes, em 1879, diante de ninguém menos do que o imperador D. Pedro II. A ousadia era um gesto de indignação e protesto: esperava-se que o jovem negro conquistasse o prêmio principal, pois os próprios pares reconheciam que era dele o melhor trabalho. Porém a vitória foi para outro concorrente, e Estêvão recebeu apenas um prêmio secundário, desmerecedor de seu talento.

Esse episódio é resgatado por Tallis Mateus Barros da Silva, bolsista de iniciação artística da edição 2022-2023 do Pibart, em *Estêvão Silva, Talento Revel*, título do projeto artístico-cultural e do livreto digital ilustrado resultante de sua pesquisa, que aborda a história desse artista plástico ainda mal divulgado e reconhecido no Brasil. Pouco se sabe sobre as origens de Estêvão Silva, sendo incerto se nasceu livre ou se foi alforriado ainda jovem.

No entanto, mesmo enfrentando os preconceitos de uma sociedade escravocrata, formou-se na Academia Imperial, instituição fundada por D. João VI originalmente com o nome de Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios. Ali teve aulas com alguns dos maiores nomes da pintura brasileira de sua época, como Victor Meireles e Agostinho da Motta – este, grande incentivador de sua pintura de natureza-morta, gênero em que Estêvão se destacaria pela precisão e originalidade de suas composições com frutas brasileiras.

LIÇÃO DO ARTISTA

Tallis Barros da Silva ficou fascinado pela vida e pela obra de Estêvão Silva ao descobri-lo durante os estudos da disciplina de Artes e História III do Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design, na UFJF. “[...] decidi que deveria contar suas histórias para quem quisesse ouvir [...] Estêvão tem muito o que nos ensinar, e nós temos muito o que aprender com ele”, afirma o aluno em seu livreto. Segundo o autor, a maior lição do artista é que “não devemos nos submeter a aceitar o lugar que a sociedade nos impõe”.

O bolsista afirma que se identificou como nunca antes com o personagem de sua pesquisa, trabalho,



Episódio da recusa de prêmio diante de D. Pedro II é destaque no livreto digital



Primeiro artista negro a frequentar a Academia Imperial de Belas Artes, Estêvão Silva se destacou pela qualidade e composição de suas naturezas-mortas

aliás, que define como o que mais gostou de realizar desde seu ingresso na universidade. Para Tallis, o episódio da recusa do prêmio o fez refletir sobre si mesmo e sua própria trajetória como artista, e hoje o estudante considera Estêvão Silva uma de suas principais inspirações. Segundo ele, seu projeto teve a preocupação de fazer uma reparação histórica e apresentar a produção de um artista negro de forma atrativa e lúdica para o público infantil.

Além da passagem envolvendo o Imperador – pela qual foi punido com sua suspensão da Academia –, Estêvão também confrontou um figurão da época, que se recusara a posar para ele ao encomendar um retrato. A polêmica custou-lhe novas encomendas de pinturas do gênero – então muito conceituado –, e Estêvão teve que se dedicar às naturezas-mortas, menos prestigiadas na época. Penalizado por sua postura rebelde e inconformista, não obteve o reconhecimento que merecia, embora seu talento fosse muito apreciado por seus contemporâneos. Hoje o artista começa a ser resgatado do esquecimento, chegando inclusive a ser

apontado como um precursor da pintura moderna no Brasil, em razão da temática nacional e do estilo de suas composições.

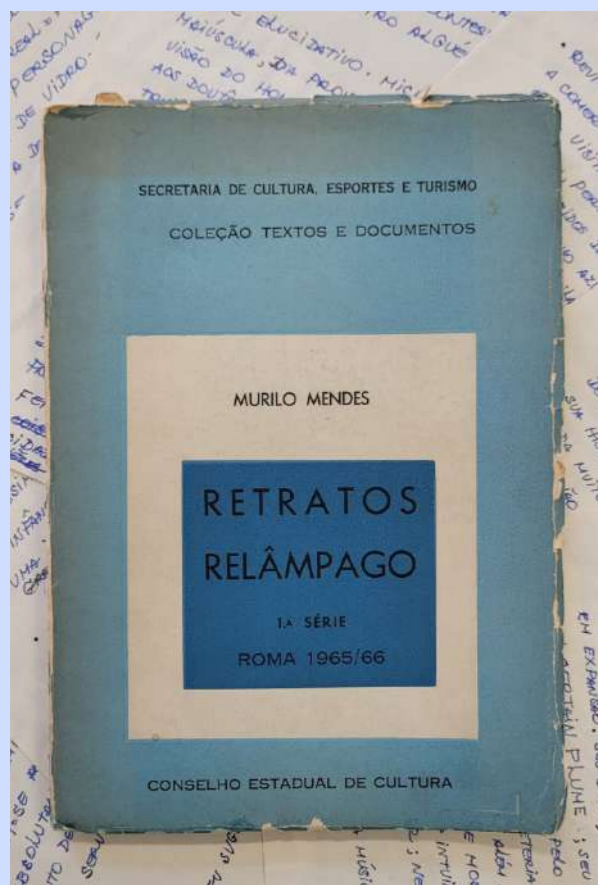
OFICINA

Como parte de seu projeto de iniciação artística, Tallis promoveu uma oficina de design de personagens com a proposta de introduzir os participantes ao passo a passo para o desenvolvimento de personagens, com todas as etapas do processo. Dividida entre teoria e prática, a oficina envolveu a criação a partir dos temas “um mundo cheio de criaturas mitológicas e mágicas” ou “um mundo futurista e tecnológico”, para os quais deveriam ser criadas três variações de personagens. Para o bolsista, a atividade ofereceu aos participantes uma “oportunidade de expandir suas habilidades criativas, adicionando uma dimensão prática ao enriquecimento cultural”.

Izaura Rocha

ESTÊVÃO SILVA, TALENTO REVEL

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Tallis Matheus Barros da Silva *Bacharelado Interdisciplinar em Artes Visuais*
Orientadora Professora Annelise Nani da Fonseca



O projeto promove a difusão dos acervos bibliográficos do MAMM

BIBLIOTECA MAMM PROMOVE A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA LITERÁRIA JUIZ-FORANA

Com o intuito de atender às necessidades de estudo, consulta e pesquisa daqueles que buscam informações sobre a memória literária e cultural de Juiz de Fora, o projeto *Biblioteca MAMM* dissemina o acesso ao acervo bibliográfico e arquivístico do Setor de Biblioteca e Informação do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM). A partir dos acervos do poeta Murilo Mendes e de outros intelectuais, como Arthur Arcuri, João Guimarães Vieira e Cleonice Rainho, *Biblioteca*

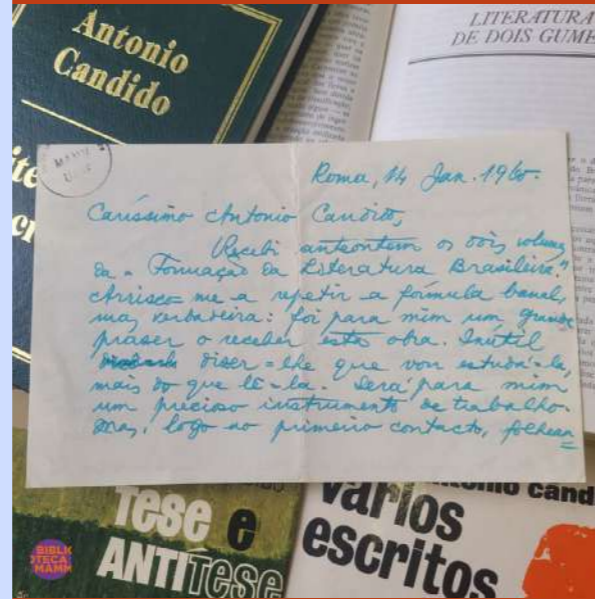
MAMM proporciona a divulgação do conteúdo e o aprimoramento no atendimento aos visitantes e pesquisadores do Setor, otimizando o acesso ao acervo. O projeto, que pretende atuar de maneira contínua, tem auxiliado no processamento técnico dos materiais bibliográficos e arquivísticos, além de promover a difusão para a sociedade do abrangente acervo literário e cultural presente no Setor de Biblioteca e Informação do MAMM.

BIBLIOTECA MAMM

Modalidade Mediação Artística Procult . **Bolsista**

Vanessa Negraes de Souza *Licenciatura em Letras*

Orientadora Simone Alves Quirino



O processamento técnico dos materiais arquivísticos contribui para atender às necessidades de consulta e pesquisa do público em geral e de especialistas

FOTOGRAFIA MUITO ALÉM DA BANALIZAÇÃO



Caderninhos com capa personalizada produzidos pelos alunos em exercício de colagem

O projeto *Fotocópia*, da modalidade Projeto Artístico-Cultural do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Artística (Pibiart), se propôs a ir na contramão do papel de mercadoria atribuído, pelo capitalismo e pelas redes sociais, à fotografia na atualidade. Nesse sentido, a bolsista Flávia Santos Freitas, estudante de Bacharelado em Artes Visuais, idealizou o desenvolvimento de atividades que contribuíssem não só para o repasse de conhecimentos, como também para a produção de arte e fotografia de maneira experimental, acessível e democrática.

O bairro Dom Bosco, vizinho à UFJF, foi escolhido para o desenvolvimento do projeto, com a oferta de uma oficina experimental de imagem para crianças de 8 a 13 anos. A estudante realizou um mapeamento das instituições, associações e ONGs existentes na comunidade, a fim de delimitar em qual delas *Fotocópia* seria viável. A decisão foi realizar a oficina na ABAN (Associação dos Amigos) devido ao grande interesse mútuo e ideais condizentes. Uma curiosidade é que a bolsista recebeu, em uma das reuniões com a equipe da ABAN, o livro *Projetos sociais, porque existem perguntas que mudam*

vidas, escrito por um dos diretores, Renato Lopes, que foi de grande valia para a execução do projeto e para sua formação estudantil.

A iniciativa foi marcada pelo foco na imagem, seus usos e possibilidades no mundo contemporâneo, para além da lógica de mercantilização e banalização inseridas no cotidiano e nas redes sociais. Ao longo de cinco encontros, as reuniões realizadas com os participantes foram recheadas de produções artísticas e de reflexões a respeito de imagem e da fotografia, além do desenvolvimento de produtos visuais práticos e simples.

O primeiro encontro foi marcado pela introdução à fotografia e ao projeto, uma ação que contou com atividades práticas, como a construção de câmeras escuras e desenhos que viraram ímãs de geladeira. O segundo encontro avançou na história da fotografia, abordou noções básicas de composição e enquadramento e propôs a prática sobre quatro temas - autorretrato, retrato, objeto e paisagem. O terceiro foi marcado por um exercício de colagem,



Uma oficina experimental de imagem para crianças de 8 a 13 anos, com câmeras escuras de papelão, foi realizada no bairro Dom Bosco

no qual as crianças ficaram responsáveis por montar uma decoração na capa de um caderno feito pela proponente. Nos dois últimos encontros foram realizadas a prática da cianotipia - um processo fotográfico alternativo -, e experimentação com a fotografia digital, uma prática que permitiu a tiragem de mais fotos, com muito entusiasmo, controle e consciência por parte das crianças.

O projeto teve impacto na comunidade externa devido ao seu caráter duplo: as atividades foram realizadas tanto em espaços de aulas quanto ao ar livre, nas ruas do bairro. A partir disso, foi frequente a presença de moradores e de crianças não inscritas no projeto nas

proximidades das atividades. Assim, foi perceptível a curiosidade dos pequenos quanto à possibilidade de outras práticas parecidas com as oferecidas no projeto, um cenário que evidencia a necessidade de continuação de projetos sociais como esse. Portanto, *Fotocópia* serviu como instrumento de preservação de memória cultural, interação entre gerações e diferentes ciclos sociais, bem como valorização da cultura local.

Maria Fernanda Braga

FOTOCÓPIA

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Flavia Santos Freitas Rosa *Bacharelado em Artes Visuais*

Orientadora Professora Letícia de Alencar Bertagna

Coorientador Professor Luiz Carlos Gonçalves de Oliveira Júnior

A MODA E A MEMÓRIA DA CIDADE



Documentos e objetos da extinta Companhia Têxtil Ferreira Guimarães no acervo do Museu

A moda está intrinsecamente ligada à história de uma época ou sociedade. Entendida como uma tendência de comportamento de um grupo de pessoas em relação a vestimenta, acessórios e maquiagem, a moda expressa estilos de vida. Por essa razão, o Museu da Moda Social (MMOS), órgão executor da Pró-reitoria de Cultura da Universidade Federal de Juiz Fora, carrega memórias individuais e coletivas do patrimônio cultural e artístico da região, agregando valor e conhecimento para o público acadêmico e a comunidade em geral. O Pibiart 2022-2023 contou com dois projetos voltados para o entendimento da relevância da moda na história do último século, sob a orientação de Luiz Fernando Ribeiro da Silva, diretor do MMOS.

O projeto *Pesquisa, conservação e criação de conteúdos digitais da Coleção Christina Queiroz no acervo do*



Peças da Coleção Christina Queiroz

MMOS-UJF atuou nos cuidados, identificação, higienização, catalogação, conservação e produção de registros digitais dos objetos que pertenceram à socialite Christina Queiroz, juiz-forana que foi uma importante mecenas na sociedade brasileira. Foram identificadas e registradas 40 peças, que contaram com a confecção de capas de proteção em TNT para aquelas consideradas de maior destaque, seja pelo seu valor financeiro, relevância, exclusividade do trabalho artesanal, seja por sua importância afetiva. Além disso, foram realizadas pesquisas teóricas acerca dos criadores, marcas, grifes e outras possíveis relações deles com a proprietária original e seu acervo.

O bolsista Ramon Vilaça de Almeida acredita que é necessário preservar peças e histórias como a de Christina para que outras pessoas se interessem pelo compartilhamento do saber local, como obras sociais que ensinam costura e artesanato, eventos culturais e feiras que movimentam o turismo e a economia do município, entre outros.



Bolsistas do MMOS atuam na identificação, higienização e catalogação de peças dos acervos

O projeto *Pesquisa, conservação e criação de conteúdos sobre o acervo técnico da Companhia Têxtil Ferreira Guimarães* teve como objetivo a conservação dos documentos e objetos restantes da unidade fabril da

Companhia Têxtil Ferreira Guimarães, instalada em Juiz de Fora até seu fechamento, em 2014. A bolsista Vitória de Souza Bicalho ficou encarregada de separar, identificar, organizar, higienizar, catalogar, digitalizar e fotografar esses itens, com intuito de pensar em conteúdos para compartilhar informações sobre esses objetos e a fábrica.

A partir de um acervo técnico de numerosos itens, foram catalogadas mais de 600 fichas de controle de produção. Vitória afirma que o projeto lhe possibilitou um maior contato prático com assuntos relacionados aos processos de desenvolvimento dos tecidos,



Os acervos preservam a memória da moda em Juiz de Fora

PESQUISA, CONSERVAÇÃO E CRIAÇÃO DE CONTEÚDOS DIGITAIS DA COLEÇÃO CHRISTINA QUEIROZ NO ACERVO DO MMOS-UFJF

Modalidade Projeto Artístico Cultural . **Bolsista** Ramon Vilaça de Almeida *Bacharelado em Moda*

Orientador Professor Luiz Fernando Ribeiro da Silva

PESQUISA, CONSERVAÇÃO E CRIAÇÃO DE CONTEÚDOS SOBRE O ACERVO TÉCNICO DA COMPANHIA TÊXTIL FERREIRA GUIMARÃES

Modalidade Projeto Artístico Cultural . **Bolsista** Vitória de Souza Bicalho *Bacharelado em Moda*

Orientador Professor Luiz Fernando Ribeiro da Silva

suas estampas e as relações comerciais associadas à produção. “Tive contato com diversas peças que representam parte da história da moda mundial e também brasileira”, afirma ela.

REFLEXÃO

As discussões promovidas por esses projetos no MMOS-UFJF procuraram dar voz a quem participa ou já participou ativamente desse universo criativo, passando por comerciantes têxteis, estilistas, costureiros e, também, a clientela, convidada a refletir sobre a cadeia produtiva que movimenta e alimenta diversas famílias de Juiz de Fora, cidade com uma história de moda e de agitação cultural que carrega as lembranças do tempo e dos encontros aqui vividos. “Nos entendemos como parte ativa na memória da cidade, registrando personalidades que precisam ser eternizadas no imaginário popular por sua contribuição, seja material, diretamente como produto de seu trabalho, seja imaterial, por ajudarem a construir esse espaço social”, completa Ramon.

Com um papel importante na conscientização e inclusão social, a moda permite que as pessoas expressem sua identidade e pertencimento a grupos específicos. Além disso, a moda pode ser uma forma de comunicação, transmitindo mensagens e valores por meio das roupas e acessórios.

Stephanie Chiote

O PROCESSO CRIATIVO NA ELABORAÇÃO DE MANGAS



A bolsista desenvolveu modelagens de mangas não convencionais

A fim de criar quatro mangas com valores estéticos não convencionais, Sara de Souza desenvolveu o projeto *Modelagem plana do vestuário: processos em modelagem de mangas criativas*. Ela se baseou em metodologias e recursos que podem ser aplicados para além da modelagem convencional de mangas para peças do dia a dia. O projeto da estudante do Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design resultou na modelagem de quatro mangas: Franzida, Origami, Estrela e Selene.

De acordo com a bolsista, o livro japonês “Pattern Magic” orientou a modelagem da manga Franzida. “Traduzi e testei os métodos abordados no livro, e pude confirmar que eles realmente funcionam”. Quanto à manga Estrela, Sara revela que ela não foi planejada para o projeto, mas que entrou para substituir uma manga difícil, devido ao escasso referencial teórico para sua elaboração. A manga Origami, segundo a estudante, foi a mais demorada pois foram necessários muitos testes na sua modelagem. Por

fim, a bolsista afirma que a manga Selene foi a “surpresa do projeto”. “Minha orientadora, Débora Pinguello, me propôs a criar uma das mangas e eu decidi fazer uma manga com laço”, relembra Sara.

Após a confecção das mangas em escala real, a bolsista desenvolveu um material didático que serviu de apoio na oficina. Nesse material, Sara desenhou e fotografou as etapas de produção, descrevendo o passo a passo da modelagem e a sequência operacional de confecção. Durante a oficina, os participantes tiveram 12 horas distribuídas em três dias para realizar as modelagens das quatro mangas na escala 1:2. No entanto, os participantes, em acordo com a bolsista, optaram por fazer as modelagens em dois dias e usar o terceiro para costurar as mangas origami e franzida para compreender melhor os recursos utilizados.

A criação da manga Selene resultou na submissão de um artigo para o 18º Colóquio de Moda, com o tema “Modelagem como processo criativo para um vestível transformável”, no qual foram discutidas as descobertas feitas durante a pesquisa. Além da apresentação no colóquio, Sara fez experimentação no ateliê com pessoas que não conheciam as modelagens. Assim, ela percebeu que as mangas poderiam se adequar aos gostos e necessidades de cada pessoa. “Quando o usuário gosta de uma modelagem de manga, ele cria uma relação afetiva com a peça, e isso reduz a descarte”.

Camila Santos

Modelagem plana do vestuário: processos em modelagem de mangas criativas

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Sara de Souza *Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design*

Orientadora Professora Débora Pinguello Morgado

ARTE E AUTISMO: INCLUSÃO, REDES DE APOIO E ESPAÇOS DE POTÊNCIA



As oficinas contribuem para a socialização das crianças com autismo

Com o intuito de aproximar as relações entre a academia e a comunidade juiz-forana por meio da realização de oficinas de arte com crianças autistas, o projeto *ArTEA: uma proposta de inclusão por meio da arte*, desenvolvido pela licencianda em Artes Visuais Giovanna Morais de Melo, buscou contribuir para o processo de desenvolvimento e socialização dessas crianças ao possibilitar, por meio da arte e da brincadeira, que elas explorassem suas potencialidades.

Para alcançar os objetivos do projeto, a estudante mergulhou em referenciais teóricos acerca do autismo e preparou oficinas que indicaram o potencial da arte como agente essencial no desenvolvimento de crianças autistas, permitindo que elas experimentassem, se expressassem e elaborassem novas relações com a realidade que as circunda.

Diante das múltiplas experiências proporcionadas pelo projeto, Giovanna afirma se sentir mais preparada para a docência, com os olhos abertos e a sensibilidade aguçada para receber a diversidade de pessoas em suas aulas e oficinas. “Por meio das oficinas eu pude conhecer

as crianças e seus familiares e aprender muito sobre questões como tempo, o processo criativo, a adaptação e a flexibilidade nas abordagens. Apreendi muito sobre subjetividade, identidade, e pude exercitar uma mediação de suporte e nutrição estética bem diferente da mediação controladora que a gente está acostumado a ver”, relata.

Os encontros foram intercalados entre o Instituto de Artes e Design e a Escola de Artes Pró-Música da UFJF. A metodologia utilizada pela estudante nas atividades foi cambiante e passou por algumas adaptações para que pudesse melhor atender às crianças. As primeiras oficinas foram elaboradas a partir da abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, que pensa na contextualização, na leitura de imagens e na prática artística.

Essas oficinas obtiveram sucesso com as crianças maiores, mas nem tanto com as menores. “Então, para os encontros seguintes, inspirada nas oficinas de Anna Marie Holm, que mescla a arte ao brincar num processo de experimentação, juntamente com as proposições de exploração e curiosidade de Keri Smith, as oficinas tomaram novas proporções, permitindo que o projeto cumprisse o seu propósito”, relata. Dentre



As brincadeiras e atividades artísticas permitem às crianças experimentar e se expressar

as ações, ela destaca atividades de autorretrato por meio do desenho, brincadeiras com sombras, criação de um mural sensorial coletivo e explorações com massinha, tinta e giz de cera. “Fizemos também leitura de imagem, desenvolvimento motor, da acuidade visual e da criatividade, para que as crianças pudessem expressar sua subjetividade”, ressalta.

DIFICULDADE

Segundo a estudante, sua maior dificuldade foi chegar ao público e obter adesão ao projeto. Foi necessário um grande esforço em realizar contato com órgãos e instituições engajados com a pauta da inclusão em Juiz de Fora, e, mesmo assim, a presença foi diminuindo ao longo das oficinas. “Durante as ações do projeto, descobri que essa dificuldade de chegar ao público não era só minha. Os responsáveis pelas crianças me contaram que gostariam de conhecer outras pessoas com crianças no espectro, para poder, justamente, trocar experiências. E elas me falavam que estavam muito felizes por conseguir esse espaço com as oficinas”, conta. Logo, um dos principais impactos do ArTEA foi a formação de uma rede de apoio. Além disso, Giovanna destaca que as atividades despertaram a atenção de algumas pessoas dentro da própria comunidade acadêmica, que já possuíam algum interesse pela temática da inclusão e pediram para acompanhar suas oficinas.

A gestora cultural Carolina Melo, mãe da Cecília, de três anos - uma das crianças que participou das oficinas, mas que não é autista - conta que a filha participou de múltiplas atividades com massinha de modelar e pintura. Segundo ela, foi possível notar uma linha condutora desde a apresentação de imagens através de um livro até a finalização da oficina. “Pude perceber a imersão da minha filha em cada ação, tanto que ela não queria ir embora. Avalio como de extrema importância a convivência, o desenvolvimento de outras referências e a concepção de

que a inclusão dialoga muito mais com o acesso oferecido do que as diferenças geradas pelo TEA [Transtorno do Espectro Autista]. Cada criança é única e especial, a sua maneira, e lidar com a diversidade é uma forma de percepção e valorização dessas singularidades”, destaca.

PROTAGONISMO

Giovanna afirma que as oficinas foram, de fato, um espaço de potência, e cita as palavras de Anna Marie Holm ao afirmar que trabalhar a arte proporcionou o desenvolvimento da criança em sua totalidade, englobando “o controle corporal, a coordenação, o equilíbrio, a motricidade, as questões do sentir, do ver, do ouvir, do pensar e do falar”. Ela defende que, ao longo das atividades, as crianças foram protagonistas do seu processo criativo. “A arte conectou o brincar e a afetividade ao desenvolvimento como um todo, e esse processo, sem dúvidas, conferiu muita autonomia e autoestima a essas crianças, dando a elas a liberdade para que pudessem experimentar, construir e expressar a sua identidade”, ressalta.

As oficinas renderam ainda mais frutos. A estudante produziu um artigo intitulado *ArTEA, uma proposta de inclusão por meio da arte: investigações em arte e autismo*, que está disponível na descrição do vídeo do projeto no canal da Procult no YouTube, a fim de difundir informações sobre arte e inclusão. Por fim, Giovanna defende que, com as ações do ArTEA, foi constatado que a arte e a mediação sensível do processo criativo a partir da sensibilidade da liberdade para experimentar, errar e criar conferem autonomia e protagonismo às crianças, permitindo que elas construam e comuniquem a sua subjetividade. “A arte, assim como o autismo, é múltipla, e, portanto, habita um território de potência ao pensarmos na temática da inclusão”, conclui.

Ismael Crispim

PROJETO: ARTEA: UMA PROPOSTA DE INCLUSÃO POR MEIO DA ARTE

Modalidade Projetos Artístico-Culturais . **Bolsista** Giovanna Morais de Melo *Licenciatura em Artes Visuais*

Orientadora Professora Patrícia Ferreira Moreno

CARTOGRAFIA INCLUSIVA NO AMBIENTE ACADÊMICO



O projeto incluiu a realização da Oficina de Cartografia Poética

Auxiliar os universitários, funcionários e discentes a se situar de maneira eficaz no campus UFJF foi a maior motivação para o estudante de Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design Jonã Weslen Castro da Cruz produzir *Folhetos de Auto-localização Inclusivos*. Sob orientação da professora Annelise Nani da Fonseca, o projeto de iniciação artística contribuiu para o conhecimento dos conceitos de design abrangentes e institucionais.

A ideia do estudante surgiu de uma preocupação quanto aos demais universitários, sobretudo os calouros: a dificuldade de se localizar no amplo espaço que compõe a Universidade Federal de Juiz de Fora, por falta de uma boa sinalização. Sua proposta foi criar um mapa completo dos ambientes acadêmicos, que contou com um diferencial: a conscientização de que estudantes com diferentes graus de deficiência visual deveriam ser incluídos nesse guia de localização.

Assim, o material foi confeccionado com técnicas relativas à diferenciação cromática, de modo que pessoas daltônicas, por exemplo, não fossem prejudicadas. O processo de criação foi composto de passos importantes,

FOLHETOS DE AUTO-LOCALIZAÇÃO INCLUSIVOS

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Jonã Weslen Castro da Cruz *Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design*
Orientadora Professora Annelise Nani da Fonseca

dentre eles a pesquisa de cores, de layouts e de referências, além da coleta de imagens da Universidade. A expectativa do aluno é que o projeto possa contribuir para pesquisas futuras sobre sinalização no campus da UFJF e que os folhetos sejam adotados pela UFJF para distribuição aos discentes que chegam à universidade.



Mapa pretende ajudar calouros a se localizarem no campus da UFJF

NARRATIVAS GEOGRÁFICAS

Como parte do desenvolvimento do projeto, o aluno ofertou a Oficina de Cartografia Poética, responsável por proporcionar uma jornada única de exploração artística através dos mapas e da memória afetiva. Assim como cada traço geográfico tem sua história, cada participante mergulhou em suas lembranças, criando um elo único entre os lugares e os sentimentos que lhes são preciosos. Sob a orientação do bolsista, os participantes aprenderam a desenhar suas próprias narrativas geográficas, por meio de colagens que expressassem suas vivências no local que tentavam retratar.

Maria Fernanda Braga

ARQUEOLOGIA TÁTIL LEVA ARTE E CULTURA A CEGOS



A oficina buscou desenvolver a percepção sensorial dos participantes

Uma exposição tátil a partir da reprodução em impressora 3D de peças pertencentes ao acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia Americana (Maea) é um dos resultados práticos do projeto desenvolvido pelo estudante Leonardo Luiz dos Reis Marques em um espaço pouco conhecido do público em geral: a ala de reabilitação visual da Associação dos Cegos. A acessibilidade e a inclusão nos museus nortearam o caminho do bolsista, que participou de pesquisas para sustentação da proposta, além do processo de escaneamento e impressão dos itens elencados.

As réplicas em 3D abrangeram representações da cultura Maxakali, que foram apresentadas, em maio de 2023, aos integrantes da Associação dos Cegos, na tentativa de incentivar uma percepção sensorial mais profunda sobre a arte e a história indígena. A mostra *Arqueologia tátil: o saber através das mãos* alcançou um número expressivo de visitantes, que puderam se sentir transportados para o Maea, reiterando que a Universidade está em sintonia com o apelo de ampliar o acesso da população de Juiz de Fora e região a seus espaços museais.

O êxito dessa primeira experiência sensório-subjetiva pôde ser observado durante a exposição. Ao relatar o desenvolvimento da proposta, Marques assinala que a ideia foi buscar a sensação tátil primária, utilizando

argila e outros elementos que pudessem instigar a pessoa a usar as mãos para desvendar as peças colocadas sobre a mesa. Em um ambiente às escuras, a equipe do museu acompanhou os visitantes, narrando o que cada item representava dentro do universo Maxakali.

Marques acredita que a reprodução dessas peças se encaixou na oportunidade de pesquisar mais profundamente as questões de acessibilidade e inclusão, no campo da arte, de indivíduos que vivem com alguma deficiência. No caso da experiência realizada na Associação dos Cegos, constatou-se o interesse dos visitantes que conseguiram usufruir dessa perspectiva da acessibilidade, assinalando que a democratização do conhecimento é também um papel social das universidades.



A atividade utilizou a técnica do rolete ensinada pelo povo Maxakali

VIVÊNCIAS

“A exposição foi positivamente aceita pela comunidade, trazendo aos mediadores convidados pelo museu, e para os bolsistas, vivências importantíssimas acerca do comportamento direcionado às pessoas com deficiências, especialmente as cegas ou de baixa visão, de mobilidade reduzida ou intelectual. Importante destacar que foram observadas



Réplicas 3D de peças da cultura Maxakali apresentadas em exposição tátil na Associação dos Cegos

imperceptíveis ao olhar detectadas pelo scanner 3D. É possível notar em alguns comentários que, pelo tato, as réplicas parecem muito mais complexas do que visualmente”, descreve.

Ele relata ainda que o plástico branco utilizado nas reproduções uniformiza a forma em algo quase sem luz, sem sombra, sem pintura; porém, quando tocada, é possível sentir a forma replicada com superfície, textura e presença espacial. “Fiquei surpreso com os resultados, pois, perpassada para o audiovisual, é possível compartilhar e eternizar essa experiência, desencadeando outros movimentos artísticos à procura do desenvolvimento sensorial nas artes”, conclui.

OFICINA

Além da exposição, o bolsista realizou uma oficina com o objetivo de desenvolver as sensações táteis dos participantes, colocando-os em contato com a terra. Utilizando a técnica do rolete, ensinada à equipe do museu pelo povo Maxakali – quando presente em Juiz de Fora por ocasião da inauguração da exposição *Maxakali: Resistência de um Povo* no Jardim Botânico da UFJF – o bolsista procurou promover um diálogo com as peças originais da coleção etnográfica Maxakali.

Katia Dias

interessantes diferenças nas mediações entre a maioria das pessoas videntes com as pessoas cegas”, avalia. Marques percebeu que aqueles que enxergam, ou já enxergaram, procuram entender a peça por meio do tato, mas não sentem da forma profunda como os cegos congênitos sentem. “Elas comentam as texturas, as formas, os resquícios do trabalho manual, do fazer das peças ou até ranhuras e rachaduras

EXPERIÊNCIA SENSORIO-SUBJETIVA DO PÚBLICO NA AÇÃO EDUCATIVA DO MAEA

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Leonardo Marques *Bacharelado em Cinema e Audiovisual*

Orientadora Professora Adriana Gomes de Oliveira

MAMM DE PORTAS ABERTAS E MAIS INCLUSIVO



O bolsista Gabriel Lima avalia a audiodescrição de obras em exposição

A fim de tornar o Museu de Artes Murilo Mendes (MAMM) um espaço mais inclusivo para deficientes, o estudante de Jornalismo Gabriel Carlos de Lima Silva, que é deficiente visual, desenvolveu o projeto *MAMM para todos verem: Acessibilidade para pessoas com deficiência visual no Museu de Artes Murilo Mendes*, sob a orientação de Aloisio Arnaldo Nunes de Castro, superintendente do equipamento cultural.

O bolsista auxiliou na elaboração de audiodescrição de obras do acervo e na gravação de conteúdos na Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS), disponibilizados em QRcode nas exposições e em materiais educativos do espaço. “Eu nunca havia ido a um museu antes. A

falta de audiodescrição e de alguém para explicar o que as demais pessoas estavam vendo me afastava desses lugares. Quando vi que poderia tornar o MAMM um espaço mais inclusivo através do edital do PIBIART da Procult, abracei a oportunidade de aproximar pessoas como eu às obras que são expostas aqui”, relata.

O estudante de Jornalismo ainda contribuiu nos projetos de melhorias arquitetônicas para tornar o espaço mais acessível, com a instalação de guias para orientação de mobilidade na entrada principal do MAMM e de piso podotátil e sinalização interna em braille nos elevadores e banheiros para maior autonomia no espaço dos visitantes com deficiência visual.



ACESSIBILIDADE

Além das adaptações na arquitetura, o estudante realizou uma oficina no Laboratório de Conservação e Restauração de Papel do MAMM. No primeiro momento, ele apresentou o conjunto de ações do Programa de Acessibilidade Universal, dispostas no Plano Museológico da instituição. A seguir, Gabriel compartilhou as atividades que desenvolveu no projeto: as observações sobre os materiais institucionais e possibilidades de adequação, a sugestão de criação de recursos acessíveis e sua nova percepção sobre o museu. Os participantes fizeram perguntas e puderam conhecer as reproduções multissensoriais de obras do acervo do MAMM, que estão sendo elaboradas pelos responsáveis do Laboratório, e que foram avaliadas pelo bolsista.



O projeto contou com uma parceria para orientação dos trabalhos com o Núcleo do Grupo de Pesquisa em Inclusão, Movimento e Ensino a Distância (NGime/UFJF) e o Núcleo de Apoio à Inclusão (NAI), vinculado à Diretoria de Ações Afirmativas da UFJF. O bolsista também iniciou o projeto “Tocar é conhecer”, para reproduções multissensoriais de obras junto a uma série de conversas com pesquisadores e artistas convidados que dialogam com questões relacionadas à acessibilidade e inclusão em espaços museais.

Camila Santos



Sinalização interna em braille nos elevadores e banheiros do Museu e registros da oficina que apresentou reproduções multissensoriais de obras do acervo do MAMM

MAMM PARA TODOS VEREM: ACESSIBILIDADE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO MUSEU DE ARTES MURILO MENDES

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Gabriel Carlos de Lima Silva *Jornalismo*

Orientador Aloisio Arnaldo Nunes de Castro, superintendente do MAMM



As bolsistas avaliaram que o projeto contribuiu para sua formação acadêmica em aspectos como pré-produção, interação com grupos sociais e construção narrativa

PRESERVANDO A HISTÓRIA E A CULTURA DE GUARARÁ

O projeto *Memória, Oralidade e Patrimônio de Guarará* registrou relatos das manifestações culturais e da memória social da cidade, a fim de preservar esse patrimônio e disseminar as atividades para a comunidade acadêmica e o público em geral. Para a bolsista Moema Corrêa Storani, o projeto contribuiu significativamente em sua formação acadêmica, permitindo o desenvolvimento de habilidades práticas, bem como uma compreensão aprofundada de métodos de pesquisa e estratégias audiovisuais, antropológicas e sociais. “A interação com a comunidade local e a preservação da memória cultural promovem um aprendizado enriquecedor e multidisciplinar”, avalia. Com a produção de um documentário final, foram exploradas a história e cultura da região, valorizando o conhecimento da comunidade e suas contribuições culturais locais.



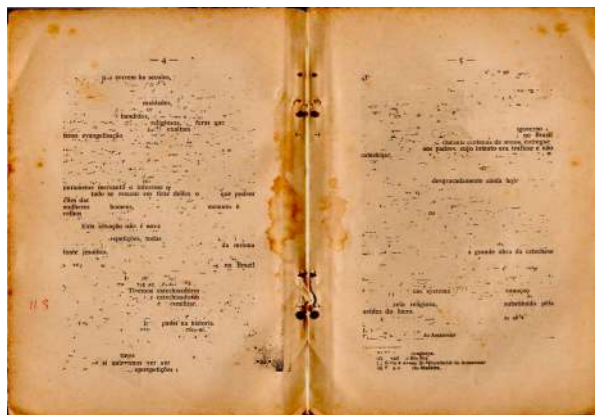
O projeto registrou depoimentos para um documentário sobre a história e cultura da região

MEMÓRIA, ORALIDADE E PATRIMÔNIO DE GUARARÁ

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Moema Corrêa Storani *2º ciclo em Cinema e Audiovisual* . **Voluntária** Stephany Silva Chanca *2º ciclo em Cinema e Audiovisual*

Orientador Professor Carlos Francisco Perez Reyna
Coorientadora Professora Luciane Monteiro Oliveira

METÁSTASE COLONIAL: UMA BUSCA PELA RECUPERAÇÃO DA MEMÓRIA



Apagamento de palavras da obra "Mystificação Salesiana", de Alípio Bandeira, gera novo texto

Por meio de uma pesquisa teórica acerca das relações entre imagem, memória e esquecimento, dentro da produção contemporânea de artes visuais, o projeto *Metástase Colonial: um diálogo entre memória, apropriação e contaminação*, desenvolvido pela aluna Giovanna Tintori Falcão, na modalidade Projeto Artístico-Cultural (PAC), promove a apropriação e contaminação de imagens e documentos de arquivo, com a intenção de propor novos significados a esses objetos.

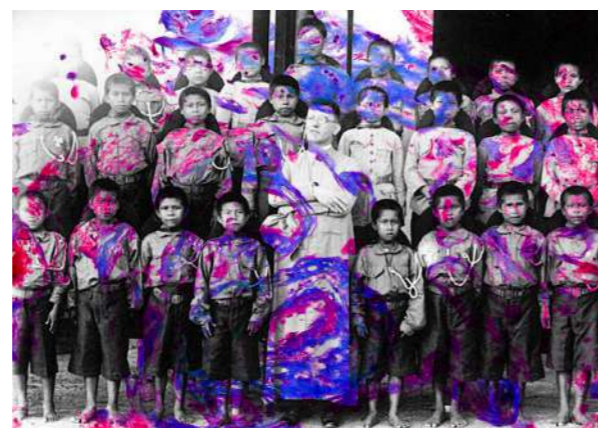
Sob orientação da professora Priscilla de Paula e realizado por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Artística (Pibart), o projeto surgiu no fim do ano de 2021, quando a bolsista e estudante do curso de Bacharelado em Artes Visuais pesquisava sobre o genocídio de povos originários do Canadá, vista a notoriedade que o assunto possuía na mídia naquele momento. Dessa forma, suas buscas a levaram ao trabalho do professor e pesquisador Mauro da Costa, sobre as missões salesianas.

Giovanna relata que as missões, que eram enviadas pela Santa Sé (jurisdição eclesial da Igreja Católica), atuaram em solo amazônico no fim do ciclo da borracha,

onde a escravidão e os abusos contra a população indígena serviram de pretexto para a realização delas, com o objetivo de promover a "salvação" por meio da colonização da população local. "Os salesianos consideravam que só conseguiriam penetrar na consciência dos adultos por meio das crianças, depois de terem sido formadas através de uma educação cristã severa", diz a estudante.

A bolsista continua seu relato dizendo que, ao se deparar com as fotos de arquivo da Arquidiocese de São Gabriel da Cachoeira, sentiu que elas precisavam ser usadas e transmutadas em algo que pudesse chegar perto do sentimento que pairava entre os símbolos daquelas imagens. Dessa forma, sua pesquisa se inicia, sendo direcionada para as imagens de arquivo e ao "memoricídio" institucional. Criado pelo médico Mirko Grmek, *memoricídio* é um neologismo que significa "a intenção deliberada de destruir todos os traços de existência cultural e histórica de uma nação em um determinado território".

Assim, ao associar esse conceito à história nacional, a pesquisa concluiu que o Brasil é um país memoricida,



Sobreposição de microscopia de tumor a imagem de missão salesiana denuncia abusos contra indígenas



Intervenção reescreve a história em contraponto ao memoricídio

uma vez que não apaga apenas a memória, mas também promove o extermínio do outro, como ocorre desde a colonização. "Somos exímios memoricidas. Vivemos em um país que, quando não mata, contamina sua memória com narrativas fantasiosas em favor do apagamento da história de seu povo, favorecendo a manutenção de uma ignorância estrutural que busca a manutenção de estruturas coloniais que hierarquizam, dividem e violentam a sociedade brasileira", destaca Giovana.

RESSIGNIFICAÇÃO

A bolsista enfatiza que o projeto propõe um contraponto ao memoricídio, resgatando e ressignificando imagens e documentos de um passado recente, que refletem o processo de apagamento promovido por estruturas coloniais. Em seu livro *A vida não é útil*, Ailton Krenak diz que podemos pensar o processo de colonização do capitalismo como um processo de contaminação: "Isso que as ciências política e econômica chamam de capitalismo teve metástase, ocupou o planeta inteiro e se infiltrou de maneira incontrolável."

A partir dessa analogia, Giovanna decidiu explorar imagens literais a respeito do processo de contaminação, através de imagens de microscopia de tumores e sobrepondo-as sobre fotografias de arquivo das missões salesianas. Além disso, encontrou um

exemplar do livro *Mystificação Salesiana*, de Alípio Bandeira (capitão de Artilharia do Exército Brasileiro, no período das lutas pela Independência, no século XVIII, e crítico das missões salesianas e das omissões de órgãos governamentais e historiadores da época), e promoveu pesquisas baseadas nele.

O projeto obteve duas obras como resultado final. A primeira é uma caixa de luz que contém as imagens das missões salesianas, impressas em chapas de vidro, e também as imagens de microscopia. A segunda aborda o apagamento de determinadas palavras do livro físico *Mystificação Salesiana*, produzindo assim um novo texto, como uma espécie de censura reversa. Foi realizada ainda uma oficina com o objetivo de apresentar o projeto, passando pelas dificuldades encontradas na execução das obras, discutindo as saídas encontradas para os problemas e apresentando o material bibliográfico por trás da pesquisa teórica.

"Durante o desenvolvimento do projeto, ele foi apresentado aos alunos e professores do Bacharelado em Artes Visuais e teve ótima repercussão no meio acadêmico. A intenção é expor as obras realizadas através de outros editais de incentivo cultural da prefeitura de Juiz de Fora. Acredito que o impacto que o trabalho pode ter nos espectadores seja muito potente, levando em consideração a narrativa da obra e o contexto político em que ela se insere", destacou Giovanna.

Retirar um arquivo de seu espaço habitual, fazendo com que este passe a circular como objeto de arte, proporciona a criação de novas relações e conexões, mas sem apagar as fissuras do passado. Quando se ressignifica imagens e documentos históricos, a própria história é ressignificada, possibilitando um outro olhar sobre o passado e uma nova perspectiva para o futuro.

Alice Oliveira

METÁSTASE COLONIAL: UM DIÁLOGO ENTRE MEMÓRIA, APROPRIAÇÃO E CONTAMINAÇÃO

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . Bolsista Giovanna Tintori Falcão *Bacharel em Artes Visuais*

Orientadora Professora Priscilla Danielle Gonçalves de Paula

VALORIZANDO A ZONA RURAL



Um dos imóveis mais antigos de Torreões, parte da memória e da história dos moradores do distrito

A cultura de um município é composta por muitos elementos. As tradições, a arquitetura, os hábitos, as pessoas: tudo se une, formando, assim, os patrimônios de um local. Esse é o ponto de partida do projeto de Gabriela dos Anjos Mendes, aluna de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Com a orientação do professor Marcos Olender, o projeto *Patrimônios Artísticos e Culturais da Zona Rural de Juiz de Fora* propôs uma investigação nos distritos inscritos na Zona Rural de Juiz de Fora, que são: Torreões, Humaitá de Minas, Monte Verde, Rosário de Minas, Penido, Valadares, Sarandira e Caetés de Minas, a fim de analisar os patrimônios culturais e as celebrações dessas comunidades.

Durante sua pesquisa, Gabriela produziu uma série de vídeos, que podem ser acessados pelo perfil do Instagram do Centro de Conservação da Memória, o CECOM-UFJF (@cecom.ufjf), nos quais abarcava os patrimônios materiais e imateriais de cada distrito. Além disso, realizou um documentário, com um compilado de entrevistas, fotos e vídeos sobre esses distritos.

Partindo de relatos orais dos moradores dessas regiões, foi construído um produto de pertencimento dos habitantes e identificação com a comunidade. A pesquisa também trouxe um impacto para as localidades, já que, segundo Gabriela, “durante as perguntas, os moradores entrevistados e os outros presentes começavam a refletir sobre a importância do patrimônio cultural para a identidade da comunidade”.



Gabriela acredita ainda que “o projeto pode contribuir na formação de um corpo de escuta”. O estímulo a essa escuta ativa, fazendo as perguntas certas para cada situação, investigando com curiosidade o



Projeto resultou em vídeos sobre o rico patrimônio da zona rural

que está sendo dito e entendendo o ponto de vista do interlocutor, foi um desafio para a estudante, que acredita ter tido um resultado positivo. Outra contribuição importante da pesquisa para seus estudos foi a ampliação do entendimento sobre o termo “patrimônio”, observando de perto como a comunidade o enxerga e suas opiniões.

O projeto obteve impacto, em um primeiro momento, com os próprios moradores de cada distrito. “Ao serem questionados sobre suas celebrações e seus

patrimônios culturais, eles puderam cultivar em comunidade uma memória coletiva e, assim, estreitar ainda mais os laços com o espaço e com os outros moradores”, afirma Gabriela. Já em um segundo momento, o impacto gerado foi o da exposição desses distritos, que são desconhecidos por muitas pessoas que moram no distrito sede.

Com o objetivo de fazer um relato sobre as celebrações e patrimônios culturais que ocorrem nas zonas rurais de Juiz de Fora, o projeto conseguiu, portanto, expor riquezas e diversidades locais e alimentar o debate, tanto na comunidade acadêmica quanto junto ao público externo, acerca da pluralidade cultural do município.

Stephanie Chiote



Acima e na página anterior: Fazenda São Mateus, construída em 1709 e localizada às margens da rodovia MG-353, a 15 km de Juiz de Fora. Fotos do livro “Uma freguesia nas montanhas”, de Henrique Oswald Frada de Azevedo (Esdeva Empresa Gráfica, 1978)

PATRIMÔNIOS ARTÍSTICOS E CULTURAIS DA ZONA RURAL DE JUIZ DE FORA

Modalidade Projeto Artístico-Cultural

Bolsista Gabriela dos Anjos Mendes *Graduação em Arquitetura e Urbanismo*

Orientador Professor Marcos Olender



O estudo imagético contribuiu para conhecimentos relativos à arte e à religião egípcia e também para a arqueologia brasileira da atual Zona da Mata Mineira, um cenário que resultou no contato mais próximo com fragmentos cerâmicos do acervo do MAEA/UFJF e posterior pesquisa de iniciação científica com o órgão. Por meio do projeto, Maria Elisa pôde realizar a apresentação da sua pesquisa no Congresso Nacional de Iniciação Científica, o Conic-Semesp, sob orientação da professora Luciane Monteiro. Além disso, o estudo contou com uma oficina de caráter mais expositivo, na qual foram apresentadas as etapas de pesquisa e suas execuções, e com um espaço para experimentação de produção de tintas por meio de recursos naturais.

A IMPORTÂNCIA DAS PRODUÇÕES IMAGÉTICAS NOS RITUAIS FÚNEBRES DO EGITO ANTIGO

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Maria Elisa Ferreira Portella do Amaral *Bacharelado em Artes Visuais*
Orientador Professor Ricardo De Cristofaro

A MORTE COMO FATOR GERADOR DE CULTURA

Sob a orientação do professor Ricardo Cristofaro, a bolsista Maria Elisa Ferreira foi responsável pela execução do projeto *A Importância das Produções Imagéticas nos Rituais Fúnebres do Egito Antigo*, proposto com o intuito de compreender com maior intensidade a função de artefatos funerários egípcios e seus impactos nos funerais atuais. Nesse sentido, a atividade incluiu pesquisas relativas à obtenção de pigmentos naturais e a técnicas de produção de imagens coloridas por meio de pigmentos orgânicos, que contribuíram para o estreitamento de laços da bolsista com estudos arqueológicos. Foi possível averiguar no projeto a relação entre a morte e a sociedade egípcia, na qual, desde a escolha dos nomes do indivíduo até suas funções dentro da sociedade, são considerados passos cautelosos para objetivar uma boa passagem e estadia no Além-Vida.



Estudante analisou as produções imagéticas do Egito Antigo



Gravação de entrevista para o documentário sobre a atuação MAEA no projeto Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira

CINEMA E MEMÓRIA DA ZONA DA MATA

Por meio de pesquisas, estudos e leituras com foco no campo do patrimônio cultural e prática audiovisual, o projeto *Saberes e Fazeres Mapeados*, realizado pelo estudante Pablo Henrique de Melo, teve como objetivo principal a valorização da memória e do cinema documentário.

O produto final do projeto foi um filme documentário sobre o Museu de Arqueologia e Etnologia Americana (MAEA) e sua atuação através do Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira. O filme, disponível no canal do YouTube "Maea UFJF", busca contribuir com a difusão de culturas e o maior conhecimento por parte do público externo a respeito do MAEA e de suas ações.

Além da produção audiovisual, o bolsista ministrou um minicurso que tinha como objetivo geral a discussão dos possíveis usos e impactos do filme documentário, concebido no projeto como uma tecnologia social da

memória, mostrando como esse tipo de produção é capaz tanto de educar, quanto de entreter e influenciar, podendo dessa forma promover reivindicações e contribuir para o encontro das alteridades e com lutas contra o esquecimento ou apagamento.

SABERES E FAZERES MAPEADOS

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Pablo Henrique Ferreira de Melo *Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas/Ciências Sociais*
Orientadores Bruno Defilippo Horta e Darlan de Oliveira Lula
Coorientadora Luciane Monteiro Oliveira



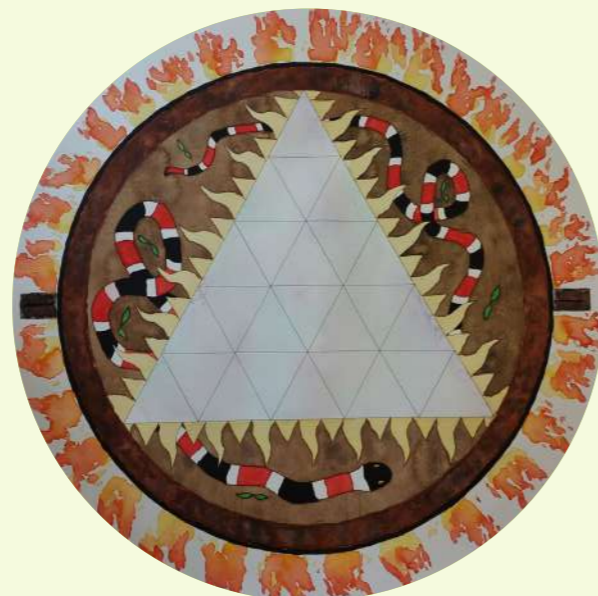
Minicurso debateu o papel do documentário na educação sobre a memória social

ARTE, REFLEXÃO E AUTOANÁLISE POR MEIO DO TARÔ

Ao unir seu interesse pela criação de mandalas e pelo tarô, Daniel Cury confeccionou uma série de pinturas de mandalas inspiradas nas cartas dos arcanos maiores. Com base em suas criações, o estudante de Artes Visuais realizou um processo de meditação e autoanálise, atento às escolhas plásticas observadas nas pinturas. As mandalas geométricas foram pintadas em aquarela (55 cm²) a partir dessas cartas. O bolsista as dispôs de maneira intuitiva, e o resultado se assemelhava ao que considerou ser “seu estado interno”. O processo foi tão enriquecedor, que, ao realizar uma oficina com cinco participantes, percebeu que cada um fez uma pintura que também trazia suas respectivas emoções. Após a confecção das mandalas, os participantes disseram ter passado por um momento de reflexão e contemplação com suas próprias questões. Tudo isso sob a ressignificação plástica dos conteúdos arquetípicos do tarô.

O MANDALA COMO VEÍCULO DE AUTOANÁLISE NA TRADUÇÃO DOS ARQUÉTIPOS DO TARÔ

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Daniel Cenachi Cury *Bacharelado em Artes Visuais*
Orientadora Professora Priscilla de Paula



Pinturas de mandalas realizadas pelo bolsista do projeto

MURALISMO: ARQUITETURA E ARTE EM CONEXÃO



Mural realizado pelo projeto no Centro Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo

O projeto *O muralismo enquanto expressão de manifestação, representação, identificação e conhecimento* teve como objetivo o estudo histórico sobre a evolução da arte mural e pesquisas quanto aos usos, aplicações, formas de obtenção de tintas naturais e experimentações com a cor. A pesquisa foi desenvolvida pela bolsista Bruna Dias Santos na modalidade Projeto Artístico-Cultural do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Artística (Pibiart), com orientação do professor Ricardo Ferreira Lopes.

Durante a pandemia, Bruna começou a ver trabalhos de muralismo e se interessou em pintar. Depois de fazer uma intervenção artística no salão de sua mãe, surgiu a ideia do projeto. Em seu trabalho, a bolsista abordou a evolução da arte mural e a utilização de tintas naturais nas manifestações artístico-culturais, para a elaboração de oficinas de caráter educativo sobre o uso de pigmentos naturais, visando à sustentabilidade e acessibilidade dos materiais. Estes foram produzidos em parceria com o projeto “Colorindo a FAMED”, incluindo os *mood boards*, oficinas e o mural físico.

Para a fundamentação do projeto, a bolsista se baseou nos artigos “Produção de tintas naturais para a construção civil: testes de preparação, aplicação e avaliação do intemperismo acelerado”, de Fernanda Cardoso de Faria (2015), e “Os pigmentos naturais utilizados na pintura”, de António João Cruz (2007). A oficina foi dividida em seis etapas, sendo elas a apresentação e descrição do projeto, exposição das terras e explicação sobre os formas de coleta e tratamento, produção das tintas, experimentações com corantes artificiais, experimentações no papel e pintura em tela.

A primeira oficina experimental realizada foi “Tintas naturais”, ministrada no Galpão da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo no dia 30 de junho de 2023, que trouxe estratégias de manuseio, produção e transformação das cores. A atividade também proporcionou aos participantes a experiência de pintar uma tela em grupo, a qual possibilitou uma maior imersão no tema e troca de experiências.

Posteriormente foi desenvolvida a oficina “Experimentação com a cor: transformando pigmentos

FANTASIA, MELANCOLIA E SUBJETIVIDADE FEMININA



A xilogravura foi uma das técnicas utilizadas por Tainah Martins

“O escuro nos suspende e nos sequestra. Ele nos vigia e nos convoca a olhar de volta para o que nos assombra”, afirma Tainah Farias Godoy Martins, aluna do Bacharelado em Arte Visuais, em vídeo sobre sua participação nesta edição do Pibiart. Seu projeto *Atravessando a Floresta* foi idealizado como “uma jornada de exploração artística do território de fantasias, que visa a investigar a melancolia feminina e a complexidade das experiências subjetivas”. A floresta do título, para ela, é um espaço imaginário muito real, cujas trilhas escuras percorre em busca de sentido para o indizível, a fim de compreender a si mesma e criar arte a partir disso.

Para Tainah, sua pesquisa pode ser considerada autoetnográfica, uma vez que a reflexão e a análise da experiência pessoal do pesquisador são parte do processo de investigação. Seu objetivo era dar

visibilidade a experiências marginalizadas, com foco na vivência pessoal da melancolia relacionada ao feminino e à feminilidade, certa de que esse compartilhamento poderia abrir caminho para discussões enriquecedoras e empáticas em torno das complexidades emocionais. “Através do que chamo de ‘um movimento de dentro pra fora’, parto a minha investigação de minha própria experiência a fim de me deslocar com meu trabalho para o coletivo”, explica.

O projeto visava originalmente a produção de um livro de artista com imagens e textos de autoria da bolsista. Como relata Tainah, nos primeiros seis meses da pesquisa ela explorou técnicas de produção de imagem, como desenho digital, pintura, desenho a lápis e gravura. Na metade final da pesquisa, a bolsista decidiu adotar o desenho a lápis no sketchbook como principal forma de expressão, por considerá-la mais efetiva no processo de explorar esse espaço rico de anotações e registros pessoais, além de ser a técnica com que mais tem familiaridade.

CONFESSIONÁRIO

A prática da chamada *escrita de si* foi parte essencial para o desenvolvimento do trabalho, graças a seu caráter intimista e terapêutico como um espaço de expressão que desempenha um papel de testemunha e confessionário. “Dentre os resultados práticos obtidos durante o projeto, destaco a produção de diversos fragmentos escritos e textos completos, além de dez principais imagens feitas explorando a temática proposta através de técnicas de desenho a lápis, gravura em metal e xilogravura. Com exceção das gravuras, as imagens foram feitas em maior parte à grafite. São desenhos com simplicidade técnica que desenvolvi a partir de reflexões escritas e anotações sobre leituras”, descreve.

Arquitetura e Urbanismo (CACAU) e ocorreu durante o evento “Semana do Calouro”, no dia 14 de agosto de 2023. Como produto final do projeto, foi executado o mural “A vida é tão rara”, que representa uma síntese do tema da pesquisa ao trazer elementos de conexão e significância com o local e com as pessoas que passam diante da obra na área de descanso do primeiro andar da Faculdade de Medicina da UFJF.

COMPARTILHAMENTO

Para Bruna, “o projeto foi de grande importância para complementação dos saberes sobre a origem do muralismo e a utilização das tintas naturais na pintura”. Desse modo, pode-se estudar a perspectiva de que a arte mural é uma das mais antigas formas de expressão e manifestação humana que acompanharam as transformações urbanas ao longo do tempo, assim como as tintas naturais como a matéria-prima inicial das produções artísticas e um dos meios mais ecológicos de produzir arte.

Nesse sentido, as oficinas funcionaram como aprimoramento e compartilhamento de saberes com outros estudantes, o que possibilitou para a bolsista a experiência de ensinar e também aprender com quem participou das atividades. O trabalho final com o mural foi uma forma de entender como as pessoas se sentem no espaço, e o quanto uma futura arquiteta pode contribuir para essa prática.

Além disso, a bolsista fez a publicação de uma vídeoaula em formato *reels* no Instagram institucional da UFJF para trazer visibilidade para o projeto e compartilhar com a comunidade acadêmica e externa os produtos da pesquisa sobre as tintas naturais.

Nathália Fontes



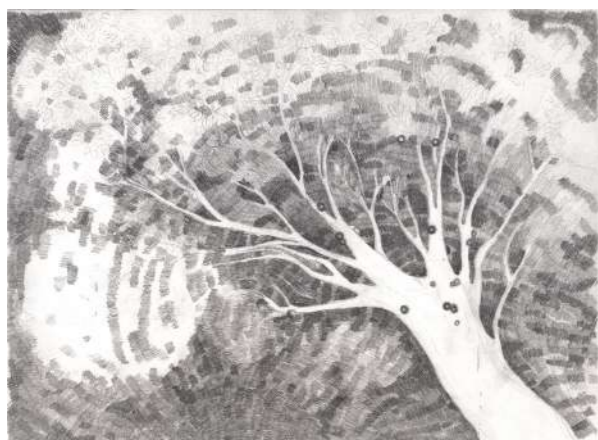
A oficina do projeto resgatou as origens e a evolução da arte mural

do cotidiano em tintas naturais”, em parceria com a arquiteta e ex-bolsista do Pibiart Mariana Corrêa. Ela foi organizada pelo Centro Acadêmico do Curso de

O MURALISMO ENQUANTO EXPRESSÃO DE MANIFESTAÇÃO, REPRESENTAÇÃO, IDENTIFICAÇÃO E CONHECIMENTO

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Bruna Dias Santos *Arquitetura e Urbanismo*

Orientador Professor Ricardo Ferreira Lopes



A floresta é um espaço imaginário a ser explorado

A bolsista também incorporou outros métodos de registro, como fotografias e trocas de mensagens por aplicativo, como fontes de reflexão sobre suas experiências. A principal mudança, porém, foi em relação ao produto final da pesquisa. “Observando o material produzido até então, aceitando os imprevistos que perturbaram o processo e o fato de que provavelmente não conseguiria atingir a composição do livro, adaptei meus objetivos para tornar uma página do instagram “soturnalia” como meu objeto final, considerando-a como um livro pessoal de registros aberto para o público”, afirma Tainah. Em sua avaliação, a decisão otimizou os resultados estéticos e críticos da pesquisa, pois um diário aberto em uma rede social, “um lugar onde costumamos expor socialmente apenas os bons momentos”, dialoga mais com o cenário contemporâneo.

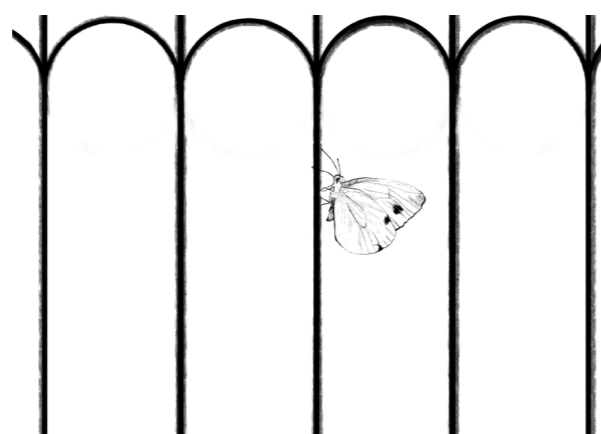
EXPERIÊNCIA E DIÁLOGO

Como parte necessária do desenvolvimento da pesquisa, a bolsista deveria oferecer uma oficina. Em “Melancolia feminina e o processo criativo a partir do

olhar para si”, a estudante apresentou sua pesquisa e experiência com o tema, a fim de incentivar o desenvolvimento de trabalhos dos participantes. “A oficina foi a parte do projeto que me permitiu, de maneira eficaz, além de expor minhas ideias, realizar o movimento ‘de dentro pra fora’ que pretendia”, afirma. “Pude relatar e dialogar sobre o entendimento do processo criativo e despertar nos participantes um desejo de articular suas emoções”, relata.

Ao avaliar a contribuição do projeto para a sua formação acadêmica, a estudante relata como seu mergulho na temática e nos desafios da pesquisa lhe proporcionaram resultados efetivos: “Foi durante esse processo que comecei a me enxergar verdadeiramente como artista-pesquisadora, com o impulso de produzir cada vez mais. Nessa primeira experiência com pesquisa, me sinto mais preparada para trilhar o caminho acadêmico, buscando visibilidade para meu trabalho através de possíveis publicações e apresentação de seminários, além de ter desenvolvido uma base sólida para o meu trabalho de conclusão de curso e abertura de caminhos para o mestrado na área.”

Izaura Rocha



“Grades e bruxas”: Tainah buscou traduzir em imagens a vivência da melancolia relacionada ao feminino e à feminilidade

ATRAVESSANDO A FLORESTA

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Tainah Farias Godoy Martins *Bacharelado em Artes Visuais*

Orientadora Professora Letícia de Alencar Bertagna

UM JEITO DIVERTIDO DE REFLETIR SOBRE PATRIMÔNIO



Símbolo de resistência, a boneca Abayomi foi apresentada aos participantes da oficina

O projeto *Educação patrimonial infanto-juvenil: estreitando laços de afeto, memória e preservação* tomou como base a ação “Programação infanto-juvenil virtual do Centro de Conservação da Memória (CECOM/UFJF)”, realizada na edição anterior do Pibiart, para aprofundar as discussões sobre patrimônio cultural e memória. Ao longo do ano, foram realizados podcasts quinzenais com a participação de convidados especialistas nos temas, além de atividades didáticas culturais e lúdicas, presenciais e on-line, voltadas para o público-alvo do projeto.

Orientada pelo diretor do Cecom, Marcos Olender, a bolsista Michaela Cristina Santiago Mario atuou na produção e divulgação das ações, como a Oficina Batuque Construído, realizada no evento “Rua de Brincar de Carnaval” em parceria com a Funalfa. Com a diversificação dos locais de oficina, o projeto conseguiu ampliar seu público, englobando diferentes comunidades de Juiz de Fora. Ao avaliar o impacto do projeto, a bolsista ressalta

que ele “contribuiu na educação patrimonial de crianças e jovens de diferentes grupos sociais e comunidades constituintes da sociedade juiz-forana, possibilitando a sua atuação na identificação e na preservação do patrimônio histórico e cultural do município”.

MEMÓRIA E DIVERSÃO

O Podkids do CECOM, podcast desenvolvido pelo projeto, teve duas temporadas, com um total de 25 episódios. Esse produto abordou temáticas diversas, como turismo ecológico, relevância dos museus e histórias sobre datas comemorativas. A proposta era apresentar elementos importantes da memória brasileira de forma divertida ao público infanto-juvenil. Com uma narração descontraída, os episódios eram previamente estruturados a partir de referências bibliográficas listadas pela bolsista. A produção contou com a participação de especialistas, como Paulo Noronha, coordenador do Museu Dinâmico de Ciência e Tecnologia (MDCT / UFJF), e Dalila Varela, doutoranda em História pela UFJF.

Além disso, Michaela conduziu a oficina de educação patrimonial “Entre saberes e fazeres: difundindo a persistência da Abayomi”, realizada em julho de 2023 no salão da ABAN, no bairro Dom Bosco. Ao conhecer as narrativas acerca da boneca Abayomi, símbolo de resistência da cultura negra, os participantes puderam vislumbrar a importância da preservação do patrimônio, assim como foram estimulados a refletir sobre a cultura afro-brasileira na sociedade atual.

Giovana Erthal

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL INFANTO-JUVENIL: ESTREITANDO LAÇOS DE AFETO, MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Michaela Cristina Santiago Mario *Bacharelado em História*

Orientador Professor Marcos Olender

CINE-THEATRO CENTRAL: A VITÓRIA DA ARTE*

* Título do Jornal Palco n° 00



Ao longo de um ano, mais de 1.700 pessoas participaram do projeto Visitas Guiadas no Cine-Theatro Central

“No coração de Juiz de Fora, um espaço para acolher e celebrar a expressão da arte”. Foi assim que a primeira edição do Jornal Palco, de 2008, definiu o Cine-Theatro Central. A publicação da Pró-Reitoria de Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) ainda enfatizou que o Central “impregnou-se da simbologia, ao mesmo tempo clássica e moderna, presente na cidade dos anos 20”.

O local, inaugurado em março de 1929, passou a integrar o patrimônio da UFJF no final do século XX. O ano de 1994 se destaca na história quase centenária do teatro não só por marcar a criação de vínculo com a universidade, mas também pelo tombamento

realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Como elemento da lista de equipamentos culturais, ao teatro foi acrescida a função social que permeia cada espaço de uma instituição pública. Era necessário que as discussões sobre democratização da cultura e sobre o fomento à comunidade artística juiz-forana adentrassem o local.

Em sua edição 2022/2023, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Artística (Pibiart) apoiou o projeto Visitas Guiadas no Cine-Theatro Central. No período de um ano, foram contabilizadas aproximadamente 700 visitas, com um fluxo estimado de 1.700 pessoas. Além da visita, a proposta do orientador Luiz



Grupo de pessoas com deficiência visual participa de visita guiada ao teatro

Cláudio Ribeiro incluiu a criação de conteúdos educativos para divulgação nas redes sociais, como o “Detalhes do Central”.

Para Paulo Henrique Ribeiro Estevão, ser bolsista no teatro foi “uma oportunidade para criar, desenvolver potencialidades e construir em conjunto com os visitantes e a comunidade local um espaço de aprendizagem, troca de experiências e memórias”.

Ao todo, o projeto concedeu oito bolsas para estudantes e englobou diferentes graduações da UFJF, como Jornalismo, Turismo e Arquitetura, além de licenciaturas do Instituto de Artes e Design (IAD). Buscou-se, com o apoio do Pibiart, a democratização do Cine-Theatro Central, bem como a divulgação do acervo do

espaço. Giulia Nunes Neves destaca que a experiência promove mais que uma capacitação acadêmica ou profissional. “Nós, bolsistas universitários, também temos a oportunidade de absorver conhecimentos que os visitantes trazem e suas lembranças do Central”, complementa.

As Visitas Guiadas contribuíram para uma aproximação ainda maior do público com esse patrimônio cultural e reforçaram o compromisso com o cenário artístico municipal. Tanto a comunidade externa quanto os bolsistas puderam conhecer a história do Central, criando as suas próprias recordações de um espaço que, para além da arte, celebra Juiz de Fora.

Giovana Erthal

VISITAS GUIADAS NO CINE-THEATRO CENTRAL

Modalidade Mediação Artística . **Bolsistas** Ana Raiza de Miranda Mello *Bacharelado em Cinema* . Paulo Henrique Ribeiro Estevão *Bacharelado em Turismo* . Hugo de Andrade Tardivo *Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design* . Giulia Nunes Neves *Bacharelado em Turismo* . Hannah Paskin *Bacharelado em Artes Visuais* . Vanessa Fávero *Bacharelado em Jornalismo* . Ícaro Renault de Medeiros *Bacharelado em Jornalismo* . Victor José Bocafoli Machado *Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo*

Orientador Professor Luiz Cláudio Ribeiro

Coorientadora Isabela Rodrigues Veiga

CULTURA E EDUCAÇÃO PARA DIVULGAR E PRESERVAR A HISTÓRIA REPUBLICANA



Grupo de estudantes em visita guiada ao Memorial da República Presidente Itamar Franco

Uma série de ações com os bolsistas do Memorial da República Presidente Itamar Franco foram realizadas, sob orientação de Daniella Lisieux, no âmbito do Pibiart, visando aumentar o contato do Memorial com a comunidade externa e preservar a memória do ex-presidente Itamar Franco e de parte relevante da história da República brasileira.

O projeto *Cultura e Educação no Memorial* se pautou em quatro trabalhos com a equipe interdisciplinar de bolsistas, dos cursos de Jornalismo, Turismo, História, Bacharelado em Cinema, Moda e Artes Visuais. O primeiro focou na mediação de grupos de visitantes, com atividades lúdicas para turmas estudantis e acompanhamento nas colônias de férias. Além disso,



A equipe de bolsistas auxilia na montagem de exposições temporárias

os bolsistas trabalharam na mediação das exposições virtuais e presenciais desenvolvidas pelo Memorial. No segundo, foram elaboradas propostas culturais, com a produção de oficinas, palestras e mesas de conversa. Os bolsistas também auxiliaram na produção de material didático acerca do Memorial e das exposições temporárias. O grupo ainda contribuiu na curadoria e montagem de exposições, bem como na manutenção das vitrines expositivas e gaveteiros. Em terceiro, eles atuaram na conservação do acervo, auxiliando nos trabalhos de catalogação e higienização das peças do

museu. Por fim, os bolsistas atuaram na assessoria de comunicação e na produção de conteúdo do Memorial.

A estudante de Jornalismo Elisa Brêtas conta que ser bolsista do Pibiart na área de assessoria de comunicação do Memorial Itamar Franco enriqueceu sua formação estudantil como jornalista. “Através dessa oportunidade, pude aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula a situações reais de comunicação institucional, desenvolvendo habilidades práticas como redação, produção de conteúdo e gerenciamento de mídias sociais.”

Thays Nascimento, estudante de Turismo, revela que trabalhar na mediação de visitas e de curadoria despertou nela um interesse acadêmico sobre preservação de patrimônio e arquivos museológicos. “Aprendi a importância de se preservar um documento dentro das pastas, as formas de manuseá-lo, de separá-los por cargos políticos e também por relevância”, relata. “Essa bolsa do Pibiart me permitiu trabalhar com questões do turismo que vão além da sala de aula”, compartilha a bolsista.

O bolsista e estudante de História Francisco Dutra Ribeiro diz que sua atuação no Memorial, além de trazer um desenvolvimento profissional, também lhe proporcionou o desenvolvimento de habilidades sociais. “Durante minha participação, aprendi a me comunicar melhor e a vencer as barreiras da timidez, através da mediação das visitas”, conta.

Camila Santos

CULTURA E EDUCAÇÃO NO MEMORIAL

Modalidade Mediação Artística Procult . **Bolsistas** Elisa Brêtas Rodrigues *Jornalismo*, Thays Nascimento da Silva *Turismo*, Lavínia Júlia Lucas Neves *Turismo*, Luís Felipe Macedo da Silva *História*, Francisco Dutra Ribeiro *História*, Yohana Araujo Gargiulo *Ciências Sociais*, Luana Dias da Silva *Artes Visuais*, Jasmyn Andrade Fernandes Ventura Lucchesi *Cinema*, Juliana Ferreira Barbosa *Moda*, Olímpio Campos Silva *História* Enrico Gonçalves Mancini *Cinema* e Vidal Albuquerque Pancera *Artes Visuais*.

Orientadora Daniella Lisieux de Oliveira Navarro

PATRIMÔNIOS NEGROS: UMA REFLEXÃO SOBRE EDUCAÇÃO E INVISIBILIDADE



Projeto propôs atividades lúdicas sobre a herança cultural negra

O projeto *Patrimônios Negros de Juiz de Fora* buscou mapear os patrimônios negros da cidade de forma lúdica, para refletir sobre a invisibilidade desses locais, instigar a memória e a visão crítica dos participantes nesse processo de reconhecimento. Ele foi desenvolvido pela bolsista Larissa Angélica Domingos da Silva na modalidade Mediação Artística Procult do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Artística (Pibiart), com orientação do professor Marcos Olender. A iniciativa teve ainda Inês da Rosa Hebo, Luís Otávio Cunha Prado, Letícia de Fátima Alves Rodrigues, Luciana Santos Ferreira da Silva, Mikaelle Siqueira da Silva e Marcos Vinicius do Nascimento Pacheco atuando como voluntários na pesquisa.

Segundo Larissa, o projeto surgiu devido a um questionamento acerca da ausência da representação negra na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Ela contou que, durante o curso, não se sentia representada tanto em questão das disciplinas quanto no corpo docente. Foi assim que foi criado o coletivo Ca.fo.fo, o qual atualmente tem cerca de 30 membros.

Para Larissa, “as narrativas e histórias negras são invisibilizadas na cidade de Juiz de Fora, sendo o projeto necessário para trazer à tona essas memórias que são marginalizadas”. Com essa proposta, as oficinas do projeto pretendiam estimular o pensamento crítico sobre a ausência da preservação de heranças culturais afro-brasileiras no território de Juiz de Fora, fomentando discussões sobre a construção de patrimônios negros e sua relação com o município.

“Quando se questiona as origens dos patrimônios de Juiz de Fora, é lembrando as raízes da imigração, e nomes como Mariano Procópio Ferreira Lage e Henrique Halfeld surgem no imaginário social”, explica. No entanto, segundo a estudante, quando se anda pela maioria das ruas e bairros da cidade, é possível perceber uma população que majoritariamente possui características negras, o que muito se diferencia da memória geralmente lembrada e que remete a grupos étnicos brancos. Desse modo, o projeto é uma forma de se perguntar o que se passou com a memória negra em Juiz de Fora e porque essa memória não é cultivada entre a população.

FUNDAMENTAÇÃO

Para o desenvolvimento do projeto, a estudante realizou uma fundamentação teórica utilizando, como metodologia, o levantamento de materiais e referências sobre o que é identificação patrimonial, baseado nas subjetividades. Essa pesquisa visava a compreender melhor temas como patrimônio cultural, educação patrimonial, história e memória de Juiz de Fora com um recorte étnico-racial. Dessa forma, foi feita uma revisão bibliográfica relacionada a conceitos do patrimônio cultural utilizando autores como Simone Scifoni, Leonardo Castriota, Lia Motta e outros.

Os materiais encontrados foram compilados para serem levados para as oficinas, além de exemplos de inventários participativos e cartões postais de patrimônios culturais do município, que foram selecionados para deixar a aula mais lúdica para os participantes. A oficina foi dividida em duas partes, realizadas nos dias 15 e 28 de setembro de 2022, com a turma do 8º ano da Escola Delfim Moreira no espaço do Centro de Conservação da Memória (CECOM-UFJF).

A primeira oficina foi destinada à explanação de conteúdos básicos e introdutórios, relacionados ao conceito de patrimônio cultural, para localizar os alunos sobre o tema abordado, através do slide apresentado. Depois foi explicado sobre alguns patrimônios negros de Juiz de Fora, como a Praça Negro Teófilo, uma praça abolicionista, o Clube Elite e o Batuque Afro-Brasileiro Nelson Silva, entre outros. O primeiro dia também contou com a presença de Rita Félix, pesquisadora e educadora, contribuindo com os debates.

No segundo dia foi promovida uma atividade para a realização de um inventário participativo, na qual os alunos refletiram sobre os patrimônios culturais em seu cotidiano e a presença da comunidade negra, a partir dos encaminhamentos trazidos na oficina anterior e das discussões. Nesse ponto, a bolsista elaborou artes para a ampla divulgação das oficinas nas redes sociais do CECOM-UFJF das atividades realizadas na escola.

A partir dessa divulgação, outras escolas procuraram a bolsista e demandaram a realização do projeto. Entretanto, com o fim do calendário escolar, houve a preferência por fazer a oficina no início de 2023. Em razão disso, no dia 27 de março de 2023 houve uma segunda reunião com os alunos da Escola Municipal Santos Dumont. Para Larissa, o maior desafio do projeto foi se adequar ao calendário escolar e à dinâmica dos horários das aulas, mas a bolsista acredita ter sido bem sucedida, em razão da grande procura para a realização em outras escolas públicas.

PATRIMÔNIOS NEGROS DE JUIZ DE FORA

Modalidade Mediação Artística Procult . **Bolsista** Larissa Angélica Domingos da Silva *Arquitetura e Urbanismo*

Orientador Professor Marcos Olender

DIAGNÓSTICO

Trabalhar com os estudantes mais novos foi uma experiência interessante para a bolsista, pois a grande parcela vinha de escolas públicas e bairros com a maioria da população negra. “Conseguimos construir um diagnóstico do que eles consideravam como patrimônio cultural, e, levando o trabalho para as escolas, percebemos que essa falta de representatividade negra no meio da educação não é algo que atinge somente as universidades, começa muito antes, desde o ensino básico”, explica.

Assim, o projeto desenvolvido ampliou a formação da educação patrimonial, principalmente dos mais jovens, que podem passar esse conhecimento para outras gerações, e também de professores, os quais podem encontrar outras formas e metodologias de ensino que incluam a temática. Como resultado, o projeto aumentou a conexão da Universidade com a comunidade externa, sendo uma proposta importante da extensão e da cultura. Além de dar luz a questões que, muitas vezes, são negligenciadas dentro de sala de aula, fomenta uma nova perspectiva para os discentes abordarem temas raciais de forma lúdica.

A experiência proporcionou uma oportunidade da estudante que se graduou em Arquitetura e Urbanismo este ano ter contato com a educação infanto-juvenil, fora do ambiente universitário, desenvolvendo novas habilidades e se entendendo como um corpo detentor de conhecimento, o que trabalhou durante o Trabalho de Conclusão de Curso. Larissa ainda revelou que pretende trabalhar mais esse tema no mestrado e que o projeto irá permanecer com outros bolsistas no Pibiart, os quais poderão dar continuidade às pesquisas e as oficinas iniciadas nas escolas públicas de Juiz de Fora.

Nathália Fontes

ARTE POPULAR E A DEMOCRATIZAÇÃO DA CULTURA



Bolsista Tainá Ferreira realiza a higienização de peças do acervo

A realização de visitas mediadas e a organização de exposições do acervo do Museu de Cultura Popular foram algumas das ações promovidas pelo projeto *Museu de Cultura Popular*, desenvolvido na modalidade Projeto Mediação Artística Procult, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Artística (Pibiart), com a participação da bolsista Tainá Bianco Ferreira.

Sob orientação de Otávio Joarez de Abreu Bittencourt e coorientação da professora Marise Pimentel Mendes, diretora do Forum da Cultura, o projeto efetua pesquisas temáticas, planejamento, seleção e higienização de peças presentes no acervo. Além disso, visitas guiadas, montagem e desmontagem e guarda das peças também são ações que contemplam a iniciativa.

O Museu de Cultura Popular, localizado no Forum da Cultura-UFJF há 48 anos, conta com mais de três mil peças, sendo estas diversas e de variadas temáticas,

materiais e origens, como peças de crenças religiosas, de culturas nacionais e estrangeiras, estatuários, cerâmicas e brinquedos populares.

São realizadas exposições temáticas mensais em seu espaço físico, com repercussão em seu perfil nas redes sociais. O trabalho realizado no museu é constante, uma vez que para o seu desenvolvimento é necessário que haja uma preparação originada na pesquisa temática, baseada na seleção de peças do acervo e na montagem da mostra, além da difusão do trabalho junto à comunidade externa e, principalmente, ao público escolar.

ALCANCE

Por meio das visitas efetuadas por alunos universitários, estudantes de escolas/instituições públicas e privadas e da comunidade externa de forma geral, o Museu de Cultura Popular possui a possibilidade de ampliar seu alcance social, uma vez que promove visitas gratuitas e seu público não se limita apenas à comunidade juiz-forana e estudantil.



Visitação guiada ao casarão do Forum da Cultura



Acervo do Museu de Cultura Popular

Além de conhecer os procedimentos de guarda e conservação de acervo museológico, a bolsista e bacharelada em Artes Visuais Tainá Ferreira destaca que sua participação no projeto possibilitou a ela a oportunidade de melhorar sua comunicação e interação com o público externo e conhecer a história do Forum da Cultura e a arte que existe por trás de cada um dos itens presentes no casarão.

Através das ações do projeto, tem-se a democratização do acesso à arte e a cultura como resultado, uma vez que elas geram a oportunidade de diversas comunidades realizarem experiências e adquirirem vivências por meio de artefatos que são repletos de histórias e estão inseridos em um ambiente que visa, além da inclusão, a preservação da arte, cultura e história, mantendo viva a memória que nos constitui como sociedade.

Alice Oliveira

MUSEU DE CULTURA POPULAR

Modalidade Mediação Artística . **Bolsista** Tainá Bianco Ferreira *Bacharelado em Artes Visuais*

Orientador Otávio Joarez de Abreu Bittencourt

Coorientador(a) Professora Marise Pimentel Mendes

REGISTROS VIRTUAIS DO CINE-THEATRO CENTRAL

Com uma pesquisa que culminou em avanços na catalogação de um expressivo recorte do acervo e dos eventos do Cine-Theatro Central, transportando a apuração para ambientes virtuais como a página da Wikipedia e as redes sociais, o bolsista Hugo de Andrade Tardivo registrou dados relativos a pinturas, arquitetura, imagens e documentos históricos.

O estudante também catalogou informações sobre espetáculos e outras manifestações artísticas promovidas no espaço, resultando em um catálogo sobre telas do pintor Carlos Bracher, além de ter desenvolvido uma oficina de produção fotográfica sobre o Palco Central, projeto que tem contado com diferentes artistas em apresentações abertas a um público reduzido.

Para o bolsista, um dos grandes méritos da proposta foi impulsionar a divulgação on-line da história e da importância do Cine-Theatro Central, um dos principais equipamentos culturais da cidade e da região, sob administração da UFJF desde 1994, época de sua aquisição pelo Governo Federal e de seu tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

CINE-THEATRO CENTRAL: CATALOGAÇÃO DE ACERVO PARA AMBIENTES VIRTUAIS

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Hugo de Andrade Tardivo *Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design*

Orientador Professor Luiz Cláudio Ribeiro



Obra de Carlos Bracher em catálogo da exposição no foyer do teatro

GAMBIOLUTERIA, A DEMOCRATIZAÇÃO DE INSTRUMENTOS SONOROS



Os instrumentos foram usados em apresentações artísticas

Gambioluteria consiste na fabricação de instrumentos de baixo custo com uma requalificação do uso de objetos cotidianos e industriais na composição de artefatos sonoros. O bolsista Pedro Gabriel Verly reconheceu nesse método uma oportunidade de contato criativo e concreto com esses materiais musicais e com a expansão de sua linguagem, o que resultou em uma nova gama de possibilidades em termos de timbres, texturas e gestualidades sonoras.

O projeto desenvolvido pelo bolsista sob orientação de Henrique Maia Lins teve como resultado a manufatura

de variados instrumentos não convencionais, sua experimentação, sistematização das “qualidades” técnico-sonoras e utilização em apresentações abertas ao público. Os aparelhos desenvolvidos foram utilizados em quatro apresentações do “Difluência”, um coletivo de fazeres artísticos não convencionais, sendo uma delas realizada no pátio do IAD - Instituto de Artes e Design da UFJF - e as outras, em bares e casas de show de Juiz de Fora. Duas outras apresentações pela Companhia de Dança Contemporânea da UFRJ ocorreram com o uso das ferramentas musicais produzidas.

EXPERIMENTAÇÕES

A oficina executada como parte do desenvolvimento do projeto contou com a participação de seis alunos, que aprenderam de maneira didática os instrumentos manufaturados ao longo da pesquisa: realizaram experimentações guiadas pelo bolsista, interpretaram duas peças - uma de autoria do próprio aluno e outra do compositor juiz-forano Paulo Motta -, e criaram cada um uma partitura para que todos tocassem. Além disso, o projeto foi marcado pela experimentação de instrumentos com qualidades sonoras distintas e em certa medida não convencionais, que aceitaram aspectos muitas vezes evitados, como o ruído, por exemplo. O projeto tinha como foco a democratização do fazer, um cenário que foi atingido com sucesso.

Maria Fernanda Braga

GAMBIOLUTERIA: DO ENTALHE DA LUTERIA EXPERIMENTAL À FISIOLÓGIA DO SOM

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Pedro Gabriel Verly Monteiro Lima *Bacharelado em Composição Musical*

Orientador Professor Henrique Maia Lins Vaz

COMUS: GERAÇÕES NA MÚSICA DE CÂMARA POPULAR



Repertório do grupo passeia por clássicos da música mineira

O estudo, a apresentação, gravação e divulgação on-line de obras do repertório de música de câmara popular contemporânea foram os objetivos do projeto *Grupo de Câmara do COMUS*, desenvolvido pelos bolsistas Lucas Monteiro Nogueira Guida e Henrique Oliveira Guilhem, na modalidade Grupo Artístico do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Artística (Pibart). Assim, o projeto abordou a prática de música do grupo e o uso de suas técnicas.

A atividade de ensaio das diversas formações de câmara do COMUS acontece desde 2013. Como resultados desta edição, foram concluídos arranjos de clássicos da MPB da autoria de Dominginhos, João Donato, João Bosco e Luiz Gonzaga, com a percussão e o baixo elétrico. Os estudantes do Bacharelado em Composição Musical na UFJF foram orientados pelo professor Luiz Eduardo Castelões Pereira da Silva durante a realização do projeto.

Para os bolsistas, essa experiência permitiu que explorassem novas texturas sonoras, ritmos e técnicas,

resultando em apresentações que capturaram a essência da música moderna e a fusão de diferentes timbres. Apesar dos desafios, eles também ressaltaram a importância da colaboração e do trabalho em equipe no mundo artístico.

O projeto é uma forma de resistir ao apagamento e esquecimento da identidade cultural do país, uma vez que é dedicado à música popular brasileira instrumental, que tem pouco apoio financeiro. Além disso, ele inclui repertórios mineiros e de Juiz de Fora, como Clube da Esquina e Geraldo Pereira, ressaltando a produção realizada na cidade ao trazer um olhar analítico e crítico para a música.

Nathália Fontes



Gonzaga foi um dos autores trabalhados pelo grupo nesta edição

GRUPO DE CÂMARA DO COMUS

Modalidade Grupo Artístico . **Bolsistas** Lucas Monteiro Nogueira Guida e Henrique Oliveira Guilhem *Bacharelado em Composição Musical*

Orientador Professor Luiz Eduardo Castelões Pereira da Silva

ESTÍMULOS MUSICAIS

Com atuação na UFJF desde 2017, o projeto *Musicalização Infantil* foi idealizado pela professora Luana Oliveira e completou mais um ano de atividade, agora integrando a modalidade Mediação Artística em Música do Pibiart. A proposta é introduzir crianças de 0 a 7 anos ao mundo musical. Atualmente, a atividade é composta por 32 turmas, que são guiadas com o auxílio de seis bolsistas oriundos do curso de Licenciatura em Música. Dividido em duas modalidades, aulas de musicalização e aulas de instrumento musicalizador (a partir dos 3 anos de idade), o projeto conta com o apoio do IAD – Instituto de Artes e Design, onde acontecem as aulas. O grande diferencial da atividade regular executada é a sua acessibilidade: abrange crianças de diferentes condições sociais, um fator relevante, visto que, atualmente, muitos não conseguem arcar com cursos pagos. Em cada aula foram explorados os estímulos musicais ideais para cada faixa etária, com os materiais lúdicos apropriados para o desenvolvimento das crianças.

MUSICALIZAÇÃO INFANTIL

Modalidade Mediação Artística em Música

Bolsistas Sandriana Rodrigues, Raquel de Moraes, Vitória Antunes, Maria Gabriela Lacet, Lucas Ribeiro
Licenciatura em Música

Orientadora Professora Luana Roberta Oliveira de Medeiros Pereira



Oficina de piano oferecida pelo projeto

APRENDIZADO MUSICAL AMPLO

Com o intuito de ampliar o acesso à educação musical, o projeto *Oficinas de Música* promoveu, ao longo de um ano, aulas de canto, piano e violoncelo nos níveis básico, intermediário e avançado. Os cursos, que não exigem conhecimento prévio, foram marcados por duas modalidades de ensino: as aulas semanais individuais e as coletivas. Realizadas nas dependências da Escola de Artes Pró-Música e do Departamento de Música da UFJF, as oficinas contribuíram para a evolução de habilidades didáticas e pedagógicas dos quatro bolsistas do projeto: Carine Maria, Gustavo de Oliveira, Samuel Colli e Thalita Mileny. As adversidades presentes no processo de ensino foram benéficas, pois auxiliaram na análise de problemas e na busca de estratégias para sua resolução. Além disso, contribuíram para o crescimento pessoal e intelectual dos bolsistas e dos alunos. É importante destacar também que as Oficinas de Música promovem a democratização do ensino superior, pois proporcionam um ambiente gratuito de aprendizagem para posterior aplicação no Vestibular de Música da UFJF. Por fim, o projeto contou com participações em recitais e concertos, além de uma apresentação final no Auditório da Escola de Artes Pró-Música.

OFICINAS DE MÚSICA

Modalidade Mediação Artística em Música

Bolsistas Carine Maria Ferreira *Artes*, Gustavo de Oliveira Coelho *Licenciatura em Música*, Samuel Colli Botelho *Música - Bacharelado em Piano*, Thalita Mileny Silva Nascimento *Licenciatura em Música*

Orientadora Professora Juliana Costa Oliveira

DIFUSÃO DA CULTURA POR MEIO DA MÚSICA

Composto por estudantes, ex-alunos, professores, funcionários e membros da comunidade externa, o Coral da UFJF tem como foco a democratização e a difusão da cultura através da música. Os estudantes Carlos Eduardo Vieira, Heloisa Machado, Júlia Salles e Mateus Maier Junior colaboraram com esse objetivo, uma vez que foram responsáveis por organizar atividades que envolvem a produção de coros virtuais e concertos presenciais e que promovem a interação com o público por meio das redes sociais.

O Coral participa ativamente das atividades culturais da universidade, estando presente nas mais diversas solenidades e festividades da instituição e sendo um importante referencial artístico e musical para a cidade, com um repertório que transita por diversos estilos musicais e que valoriza a cultura brasileira. Como forma de efetivar a comunicação com o público, o coral busca promover a interdisciplinaridade e, por esse motivo, trabalha com outras linguagens artísticas, como as artes cênicas e a dança.

CORAL DA UFJF

Modalidade Grupo Artístico . **Bolsistas** Carlos Eduardo de Oliveira Vieira *Licenciatura em Música*, Heloisa de Paiva Macedo Machado *Arquitetura e Urbanismo*, Júlia Nascimento Salles e Mateus Dias Maier Junior *Bacharelado em Música*

Orientador Professor Rodolfo Vieira Valverde

Coorientador Otavio Joarez de Abreu Bittencourt



Espectáculo "Atemporal", apresentado no Cine-Theatro Central.
Foto: Juliana de Paula



Concerto para crianças no Cine Theatro-Central

CORAL E ORQUESTRA DA UFJF SE DESTACAM NO CENÁRIO MUSICAL DA CIDADE

O Centro Cultural Pró-Música conta, como grupo estável, com o Coral e a Orquestra da UFJF, que participam do Pibiart na modalidade de Grupo Artístico. De setembro de 2022 até julho de 2023, o projeto alcançou cerca de 12 mil pessoas com mais de uma dezena de eventos realizados. As apresentações se diversificaram em temáticas natalinas e carnavalescas, além de integrarem uma programação que rodou templos da cidade com o projeto Música nas Igrejas. A responsabilidade de produzir um concerto foi um diferencial na formação profissional dos integrantes, os quais puderam também se aperfeiçoar musicalmente. Os bolsistas foram responsáveis pela editoração de partituras, além de participarem das apresentações como instrumentistas. O projeto é mais uma ação universitária que objetiva incentivar a arte e cultura juiz-foranas.

CORAL E ORQUESTRA PRÓ-MÚSICA

Modalidade Grupo Artístico . **Bolsistas** Clara Mira Alves Marinho *Licenciatura em Música*, Júlia Hellen Nogueira de Paiva *Música*, Hiago Bordim Pereira Engenharia Elétrica, Edwirges Margarita da Silva Apolinário *Bacharelado em Música*, Lucas Ventura Fajoses Gonçalves *Psicologia*, Thiago Ventura Fajoses Gonçalves *Bacharelado em Ciências Humanas*, Lizandra Regina Campisse Romano *Bacharelado em Música*, Gabriel Ceffas Pereira Chaves *Ciências Exatas*, Lorena Resende Silva *Pedagogia*, Maria Gabriela da Silva Pinto *Licenciatura em Música*

Orientador Professor Marcus Vinícius Medeiros Pereira

CULTURA E MEMÓRIA DO SAMBA PARA TODOS



A Oficina Paticumbum é uma das ações desenvolvidas pelo projeto

Bolsista da modalidade Grupo Artístico do Pibiart, Eduardo Gonçalves Marques é um firme defensor da influência positiva do samba. “É de suma importância para a formação de um músico vivenciar a gama de cultura que o samba pode nos trazer”, diz o aluno, que atuou no projeto *Ponto de Samba Juiz de Fora*, voltado para atividades no campo da educação, da memória e do lazer e da própria música.

Uma ação de destaque do projeto são as aulas gratuitas sobre técnicas de instrumentos de percussão das baterias das escolas de samba, realizadas no Centro de Conservação da Memória/UFJF, que constituem a Oficina Paticumbum. Além disso, ocorre mensalmente a ação Ponto do Samba: Roda dos Encontros, na Praça Ministrinho (bairro Jardim Glória), um evento que conta com sambistas do grupo e artistas convidados e atinge cerca de 500 pessoas a cada edição.

O Ponto do Samba participou de diversos eventos com o grupo da Oficina Paticumbum, como a Festa

PONTO DO SAMBA JUIZ DE FORA

Modalidade Grupo Artístico . **Bolsista** Eduardo Gonçalves Marques *Música*

Orientador Professor Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior

Alemã, o 19º e o 20º Feijão de Ogum, o Borbosamba, o Tardezinha na quadra da Escola de Samba Mocidade Alegre, o Bloco da Imprensa, o Bloco do Borboleta, e a cerimônia de entrega da Comenda por Mérito Comendador Henrique Guilherme Fernando Halfeld. Além disso, é importante ressaltar que a Oficina é composta, em sua maioria, por integrantes de fora da UFJF, um cenário que evidencia a interação entre a comunidade externa e a universitária.

A atividade, orientada por Carlos Fernando Ferreira, também possui ações de pesquisa em favor da memória do samba de Juiz de Fora. Um exemplo disso foi a participação na Mostra de Ações de Extensão da UFJF.

Por fim, as ações do projeto desencadearam a participação ativa do grupo Ponto do Samba na Escola de Samba União das Cores, localizada no bairro Milho Branco. Atualmente, o Ponto de Samba Juiz de Fora é bateria da escola e desenvolve também alguns eventos em sua quadra.

De acordo com o bolsista Eduardo Gonçalves, ter participado do projeto atuando como músico e como monitor da oficina Paticumbum foi algo enriquecedor, devido à contribuição para a sua formação e à oportunidade de vivenciar um contato mais próximo com a comunidade externa.

Maria Fernanda Braga

AMPLIANDO ESPAÇOS DE LEITURA NO CAMPUS UFJF-GV

O projeto *Produção criativa na UFJF-GV* tem como objetivo dar suporte às ações do setor cultural do campus de Governador Valadares da UFJF. Uma das ações contempladas é o Vamos Ler!, que desenvolve atividades visando a ampliar o contato da comunidade acadêmica com o universo da leitura. Os bolsistas estruturaram uma biblioteca comunitária, em parceria com uma instituição beneficente, e mantiveram a produção do Vamos Ler! inserida em ônibus e espaços alternativos da universidade. O site www.ufjf.br/vamosler também foi constantemente atualizado, assim como as mídias sociais.

A proposta do projeto da modalidade Mediação Artística Procult do Pibiart inclui ainda fazer o mapeamento de ações artístico-culturais do município e do campus avançado, que teve início nesta edição e terá sequência em uma segunda edição do projeto. Esse mapeamento deve ressaltar a importância desses projetos tanto para o desenvolvimento cultural quanto socioeconômico da cidade. Os dados coletados poderão ser utilizados no planejamento e na estruturação dos novos trabalhos. As atividades propostas no *Produção criativa na UFJF-GV* têm perfil de ações permanentes, por exemplo, com o funcionamento e atendimento ao público da biblioteca.

Com as ações do Vamos Ler!, foi possível ampliar os espaços de leitura alternativos principalmente dos discentes, reforçando com eles a importância de manter o contato com a literatura, mesmo diante da grande demanda dos textos técnicos. Esse retorno é

visto, principalmente, através das postagens nas redes sociais de fotos e vídeos em que os discentes ressaltam a presença dos textos em diferentes espaços da universidade. Em relação à estruturação da biblioteca comunitária, nos primeiros quatro meses de atuação o projeto já tinha 30 usuários inscritos e mais de 50 empréstimos/renovações, número avaliado como expressivo, considerando que o espaço é aberto, atualmente, apenas uma vez por semana.

Para as bolsistas, o projeto foi importante para a formação profissional e pessoal, melhorando a comunicação com as trocas com outras pessoas, além de ampliar o interesse na área da cultura.

Nathália Fontes



Ampliar os espaços de leitura dos discentes do campus de Governador Valadares é uma das propostas do Vamos Ler!

PRODUÇÃO CRIATIVA NA UFJF-GV

Modalidade Mediação Artística Procult . **Bolsistas** Nathany Beatriz Pereira Valério *Fisioterapia*, Rebeca Dias Reis *Farmácia*
Orientadora Flávia Carvalho dos Santos, produtora cultural do Setor de Comunicação, Cultura e Eventos do campus avançado da UFJF em Governador Valadares (UFJF-GV)

CENTRAL, UM PALCO DE EXPERIÊNCIAS

O projeto *Apoio à Produção do Cine-Theatro Central* tem como objetivo dar suporte às atividades e eventos do Cine-Theatro Central, com o trabalho de divulgação, atualização das redes sociais, registro fotográfico e jornalístico das apresentações, que recebem um público médio de 80 mil pessoas anualmente. Por mês, o teatro sedia em torno de seis grandes espetáculos.

O Central também desenvolve produções próprias, como o projeto Palco Central, além de ser parceiro em outros eventos institucionais e/ou culturais, que visam à fruição da arte e da cultura e requerem também o auxílio dos bolsistas no planejamento e execução.

Para as bolsistas que atuaram no projeto, a experiência foi enriquecedora, contribuindo para seu desenvolvimento profissional na área de eventos, além de proporcionar trocas graças ao contato direto com o público. Larissa e Maria Elisa ressaltam que o projeto ampliou sua vontade de seguir na área de cobertura de eventos culturais.

APOIO À PRODUÇÃO DO CINE-THEATRO CENTRAL

Modalidade Mediação Artística Procult . **Bolsistas** Larissa Teixeira Noé *Instituto de Artes e Design*; Sara de Souza *Instituto de Artes e Design*; Luísa Vieira Colen *Jornalismo*; Paloma Luiza Senra Hagen *Arquitetura e Urbanismo*; Maria Elisa Ferreira Portella do Amaral *Instituto de Artes e Design*

Orientador Professor Luiz Cláudio Ribeiro

Coorientadora Isabela Rodrigues Veiga



Apresentações realizadas pelo Palco Central: “Monotema Session” (Foto: Victor Bocafoli) e “Pedepoesia” (Foto: Hugo Tardivo)

NA LINHA DE FRENTE DA CULTURA NA UFJF

A equipe de bolsistas do projeto *Apoio à Procult* realiza um trabalho essencial de suporte à divulgação de todas as ações realizadas pelo setor e seus órgãos executores. Com o pleno retorno das atividades presenciais pós-pandemia, projetos, oficinas, espetáculos e outros eventos voltaram a ferver a atmosfera cultural da cidade, e a UFJF é responsável por parte disso.



Mostra “A África não é um país”, que ocupou a Espaço Reitoria de maio a setembro de 2023

Com uma equipe alinhada e harmônica, foi possível colocar em prática ações que estavam apenas no papel, como as editorias fixas semanais das redes sociais da Procult: “Tá na Bia”, que traz visibilidade aos projetos destacados em todas as edições da revista do Pibiart; “Procult Indica”, que dá voz aos funcionários terceirizados e efetivos de todos os espaços da Procult, trazendo sugestões culturais para o fim de semana, entre livros, séries, filmes, documentários, álbuns musicais, podcasts, e outros; além de outras editorias em desenvolvimento, para serem lançadas em breve.

Também foi possível uma utilização mais frequente de vídeos no Instagram, em especial no formato “Reels”, uma vez que esse tipo de mídia possui maior alcance de público. Os vídeos vêm sendo utilizados na divulgação das exposições da Galeria Espaço Reitoria (em especial a mostra “A África não é um país”, inaugurada em maio



Degustação de comidas típicas na abertura da mostra sobre a África

de 2023, em celebração ao Dia Mundial da África), lançamentos de publicações da Procult (como livros e revistas), além de informações sobre o Pibiart.

A equipe produziu, ainda, matérias para as revistas Poliedro e Bia, releases sobre espetáculos, exposições e demais eventos da Procult como um todo, coberturas fotográficas desses eventos - como o Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga, artes e legendas para posts nas redes sociais e clipping digital do que é divulgado espontaneamente pela mídia local acerca das ações desta Pró-reitoria.

APOIO À PROCULT

Modalidade Mediação Artística Procult . **Bolsistas** Camila Borges de Souza; Natália Martins de Miranda; Thamyres Aquino da Silva; Maria Fernanda Braga de Oliveira; Stephanie Chiote Bordone Santos; Giovana Erthal Campos (voluntária); Nathália Elis Fontes (voluntária); Sâmela da Silva Moura (voluntária) *Jornalismo*, Laura de Souza Kasemiro (voluntária) *Licenciatura em Artes Visuais*

Orientador Bruno Defilippo Horta

